

NO JARDIM DE EPICURO

Org. Enelé Alcides

NO JARDIM DE EPICURO

DEZ ANOS DE ALVÉOLO

Org. Enelé Alcides

EXPOSIÇÃO

Espaço Mutações
Museu da Escola Catarinense
22/01 a 26/02/25

Equipe Curatorial

Clara Rovaris
Gustavo Scheidt
Karine Abbati
Ligia Czesnat
Maria Esmênia
Rosângela Cherem (Responsável)
Zulma Borges

Montador

Flávio Bruneto (Xanxa)

CATÁLOGO

Organização e Projeto Editorial

Eneléo Alcides

Projeto Gráfico

Eneléo Alcides
Thaís Grosbelli

Produção Gráfica

Thaís Grosbelli

Produção Geral

Maria Esmênia
Rosângela Cherem
Zulma Borges

Revisão de Texto

Zulma Neves de Amorim Borges

Imagem da Capa e Contracapa

Zulma Borges

Fotografia

Mario Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

No jardim de Epicuro [livro eletrônico] : dez anos de Alvéolo / org. Eneléo Alcides ;
[coordenação Maria Esmênia, Rosângela Cherem, Zulma Borges]. -- 1. ed. --
Florianópolis, SC : Ed. do Autores, 2025.
PDF

ISBN 978-65-01-66511-5

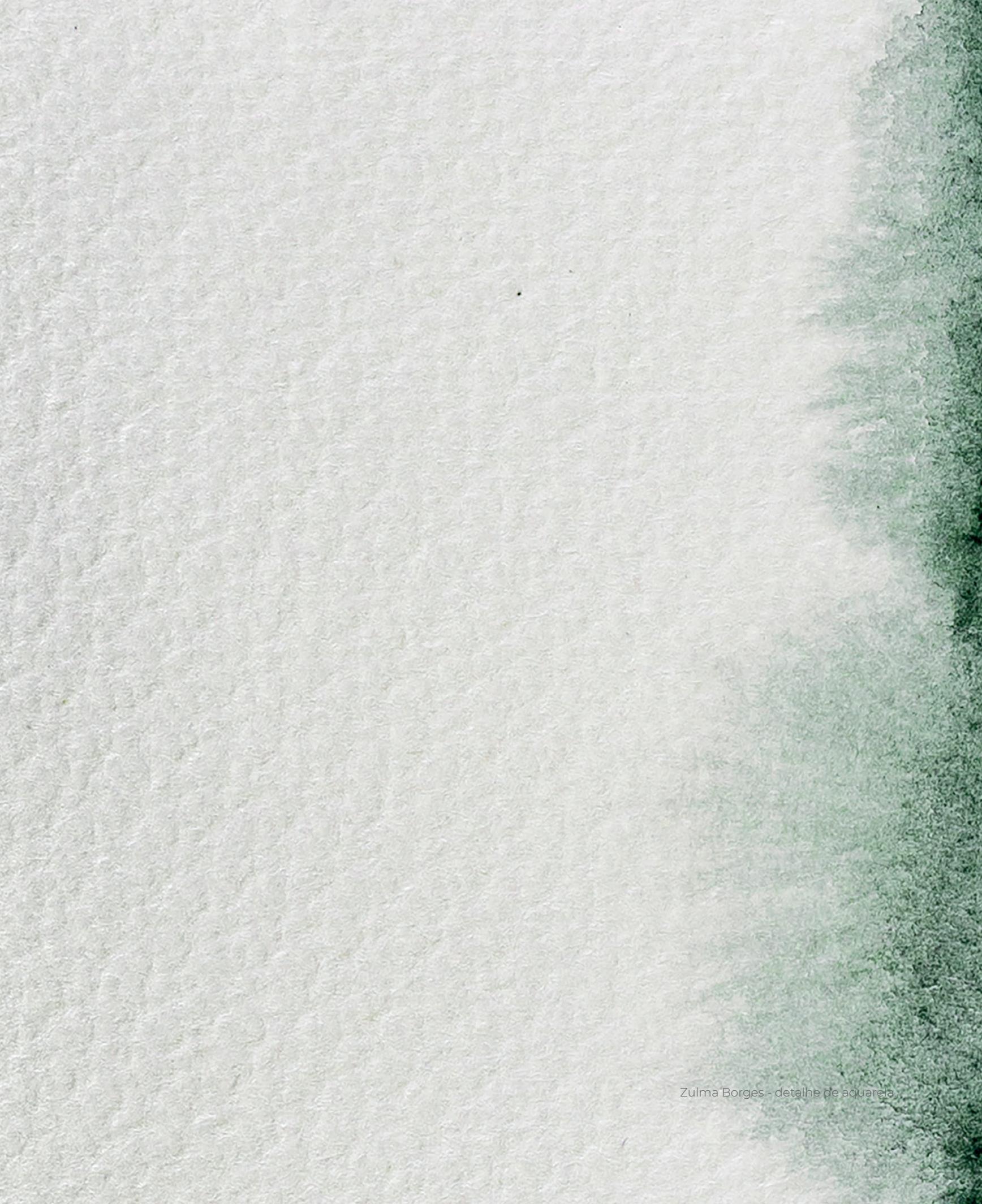
1. Aquarela 2. Aquarelas - Arte - Brasil - Catálogos 3. Artes - Exposições -
Catálogos I. Alcides, Eneléo. II. Esmênia, Maria. III. Cherem, Rosângela.
IV. Borges, Zulma.

25-297752.0

CDD-730.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Brasil : Exposições : Catálogos 730.981
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

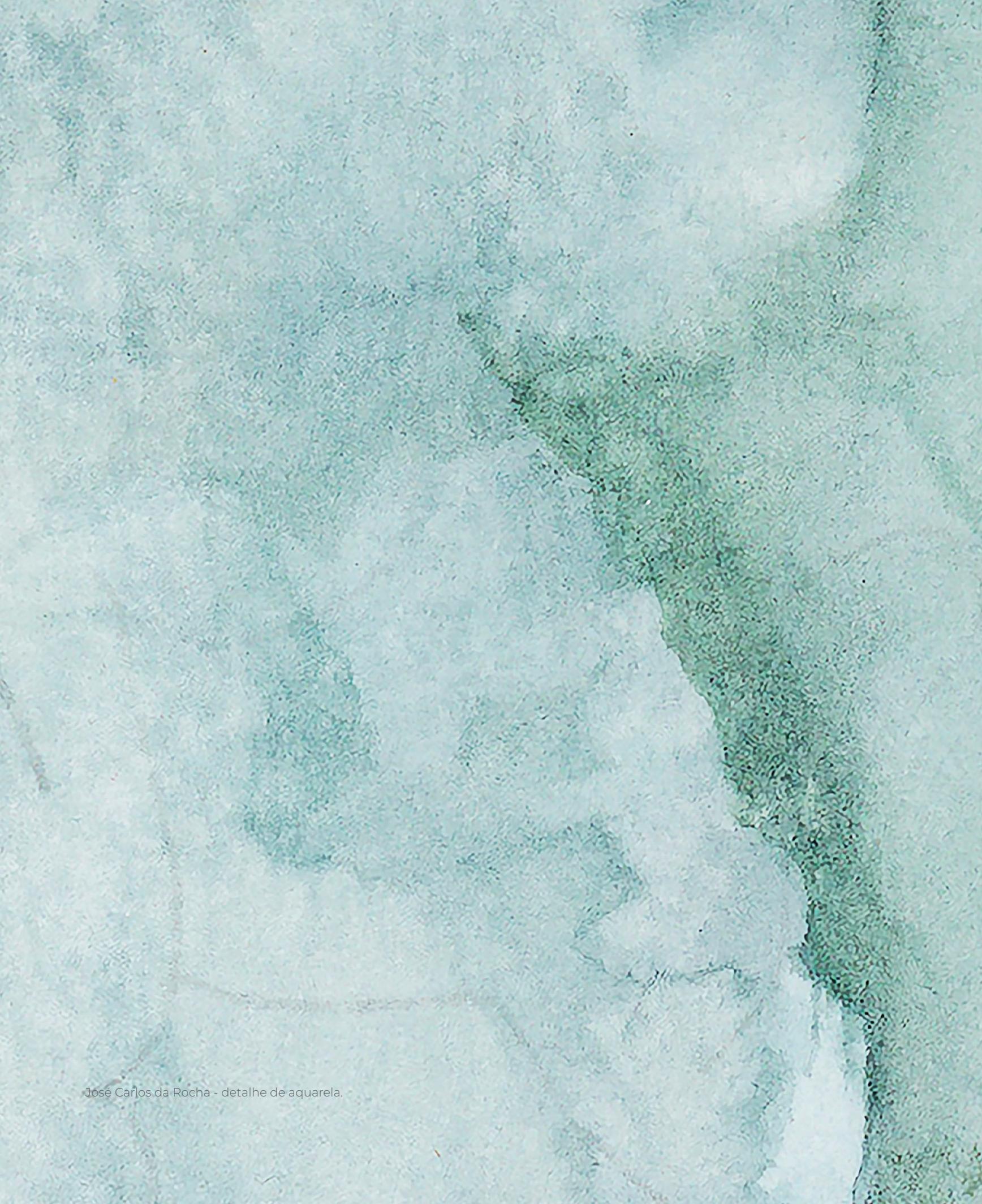


Zulma Borges - detalhe de aquarela.

ÍNDICE

- 07 AQUARELAS HABITAM CAMPOS DE DELICADEZA
Eneléo Alcides
- 09 UMA HISTÓRIA DO ALVÉOLO
Zulma Borges
- 15 FESTEJANDO DEZ ANOS DO ATELIÊ ALVÉOLO
Maria Esmênia Ribeiro Gonçalves
- 21 BREVES REFLEXÕES SOBRE A AQUARELA
Ligia Czesnat
- 27 ESCREVER É DEIXAR RASTROS, AQUARELAR DEIXA PONTOS DE VIDA
Clara Rovaris
- 30 ANA MARIA ALVES DE SOUZA Tessituras do Inconsciente
- 34 AUDREY LAUS Vislumbres Oníricos
- 38 CARLA CORINA Delicadezas do Jardim
- 42 CECÍLIA CALDINI Rótulos e Relatos
- 46 ELEONOR CONILL Jardins, Terra e Mar
- 50 FERNANDO SANT'ANNA A Natureza Apaixonante das Matizes Encarnadas
- 54 GLORIA GIL Filigranas Oníricas
- 58 HELENA WERNER Descrições Aquareladas
- 62 ISA SIMÕES Barcos e Casarios

- 66** JOSÉ ANTONIO BELLINI Paisagens
- 70** JOSÉ CARLOS DA ROCHA Paisagens Vivenciadas
- 74** JULIANA BERNARDI Viagens pelos Biomas Brasileiros
- 78** LIGIA CZESNAT Pássaros
- 82** MARIA ESMÊNIA Uma Casa para José
- 86** MICHELLI ZIMMERMANN SOUZA Aniversários
- 90** NADIR FERRARI Paisagens e Rostos
- 94** OSMAR YANG Olhares (sobre os) felinos
- 98** RICARDO DO ROSÁRIO Infinitamente Leve
- 102** SUSANA LAUCK Perceber a paisagem
- 106** TIM DIEDERICHSEN Acreditar na possibilidade do mundo
- 110** VERA LÍCIA Imaginação Lúdica e Infância
- 114** VERA SAYÃO Vestígios Mnemônicos
- 118** WALKIRIA MARKS Manchas Figurais
- 122** ZULMA BORGES Realidade e Imaginação
- 135** NOTAS SOBRE UM TIPO ESPECIAL DE JARDIM
Rosângela Cherem



José Carlos da Rocha - detalhe de aquarela.

AQUARELAS HABITAM CAMPOS DE DELICADEZA

Eneléo Alcides

No Jardim de Epicuro: Dez anos de Alvéolo intitula-se a exposição comemorativa organizada pelo Ateliê Alvéolo e aberta ao público no Museu da Escola Catarinense (MESC) entre 22 de janeiro e 26 de fevereiro de 2025. Se fizéssemos uma alusão com os aniversários de casamento, teríamos bodas de estanho, metal ao mesmo tempo maleável e durável. Símbolo quase oposto às obras em aquarelas apresentadas, frágeis, delicadas. Apenas papel e água namorando com pigmentos e luz.

Com gestos muito pessoais, vinte e quatro artistas aquarelistas exploram diferentes técnicas, linguagens, procedimentos e suportes. As obras foram apresentadas sobre mesas e em paredes, dentro de vidros, compunham instalações e cartazes, ocupavam objetos, amalgamavam-se com colagens ou se transformavam em livros. Para além de grandes temas, questões e conceitos, estamos diante de uma busca por delicadezas muito mais próximas da memória ou do cotidiano: uma praia em que se esteve olhando o sol, uma xícara que pertenceu a alguém da família, um gato com pelo macio que habita nossas histórias de vida, pássaros e muitas flores. Diante das imagens, percorremos desde fortes preocupações sociais sobre crianças na guerra até o lançamento de um astronauta ao espaço, passeando por um céu colorido.

Embora a aquarela guarde sentido no universo da arte contemporânea, talvez seja melhor compreendê-la como uma arte atual e urgente, como um grande respiro no campo da criatividade, um momento em que se permite abrir mão de tensões mais teóricas e adentrar espaços de levezas e sutilezas. Por isso, o nome *No Jardim de Epicuro* é uma associação certa pensada pela curadora Rosângela Cherem e sua equipe. No meio da cidade agitada, dos acirramentos políticos, das hostilidades cotidianas, o Ateliê Alvéolo consolida-se como um espaço de serenidade, de laços de amizade, de diálogos e trocas. É dessa forma que a mais alta arte é referenciada através da arte mais simples, direta e verdadeira, aberta a todas as pessoas.

Nesta técnica pictórica, a água dilui as cores, sem se preocupar com limites. Como na homeopatia clássica, quanto mais diluído, mais potente fica o remédio. No filme fotográfico, quanto maior a sensibilidade ISO, mais ruídos aparecem na imagem. Já na aquarela, acontece o contrário, trabalha-se com um *contra*-ISO; quanto mais a água atua, mais os ruídos desaparecem, deixando sobre o papel apenas o gesto de um traço.

Eneléo Alcides é pesquisador na área das artes, fotógrafo, gestor e produtor cultural. Atua como curador, dirige documentários, organiza exposições e catálogos. Formado em Jornalismo, é mestre em antropologia social, doutor em direito e realizou pós-doutorado em artes visuais na linha de História da Arte.



UMA HISTÓRIA DO ALVÉOLO

Zulma Borges

Eu não sabia que toda essa vida também era arte¹

Há um fio que vem de longe

O homem passou a ter consciência de si quando acreditou que, pelos seus desenhos e pinturas, poderia viver melhor. Ao imprimir a primeira linha na pedra, o homem primitivo não imaginou que ali estava dando início a uma história sem fim. É no prolongamento de seu gesto que encontramos o gesto de Duchamp e o de todas as pessoas que fazem da arte uma experiência de vida. Uma experiência que compreende os nossos relacionamentos e os gestos simples do cotidiano. E é nesse prolongamento que encontramos a razão para um espaço de arte completar dez anos de existência.

Há dez anos, realizou-se a criação de um espaço destinado a reunir pessoas para pintar aquarela. Com esse objetivo, nasceu o Ateliê Alvéolo, com encontros semanais de aquarelistas para troca de experiências e compartilhamento de saberes.

Atualmente, o Alvéolo conta com mais de vinte participantes aquarelistas. Alguns remontam a 1995, quando iniciei a divulgar a técnica da aquarela em Florianópolis. Outros frequentaram as oficinas de aquarela que ministrei no DAC-UFSC, de 1995 a 2004. Outros, ainda, iniciaram seus estudos em meu ateliê, ainda antes do ano 2000. No decorrer do tempo, pessoas foram chegando e juntando-se ao grupo. Em 2014, data da criação do Alvéolo, já havia um grupo de aquarelistas aguardando um espaço para se reunirem, pessoas que acreditavam no projeto de trabalhar em conjunto. A maioria delas permanece e faz o dia a dia do Alvéolo. São pessoas interessadas em arte, aposentadas ou em atividade profissional, que se reúnem para praticar arte. Todos aprendem no convívio, num ambiente de amizade, respeito às diferenças e ajuda mútua. A aprendizagem realiza-se no experimentar, no praticar, no observar, no dedicar-se aos estudos e à pesquisa, no aprender a conviver com o outro.

No ateliê, são promovidos três encontros semanais com grupos diferentes ao longo do ano. Nesses encontros de prática da aquarela, os artistas voltam-se à construção de uma poética pessoal, aguçando a percepção na produção estética da técnica como expressão, propondo-se a discutir e a refletir sobre as questões que envolvem a pintura. Por que pintar? Por que fazer arte? Como resultado, surgem trabalhos que se expressam num exercício de livre pintar. A conexão está no pensamento comum aos artistas de que a arte expressa o que vemos, vivemos e o que sentimos, e que, pela arte, estamos livres para outros afazeres da vida, incluindo, certamente, os fazeres da arte.

Também são oferecidos no espaço do ateliê, em períodos de curta duração, *workshops* e oficinas de livro de artista, desenho, aquarela, gravura, encadernação. Igualmente, o Ateliê Alvéolo é também um espaço expositivo de trabalhos dos artistas participantes, com mostras individuais ou coletivas. No final de cada ano, promove-se uma Feira de Arte, na qual são expostos e disponibilizados os trabalhos desenvolvidos ao longo do ano.

¹BORGES, Zulma Neves de Amorim. *Paisagem e Memória: Paisagem como vivências*. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000042/00004224.pdf>. Acesso em: 3 maio 2025.

Os artistas não se limitam a uma prática dentro do Ateliê, mas reúnem-se para pintar e desenhar frequentemente no grupo *Urban Sketchers* e em atividades de *plein air* de pintura em aquarela em locais variados, com participação do Encontro Internacional de Aquarelistas em Paraty/Rio e do Encontro de Pintura ao Ar livre em Garopaba/SC, com pinturas em aquarela.²

A princípio, o Ateliê Alvéolo congregava somente aquarelistas. Posteriormente, ampliou-se com cursos de história e filosofia da arte, aulas de língua inglesa com foco na literatura, aulas de língua francesa, aulas de bordado contemporâneo com foco na arte do fazer. No início de 2020, ocorreu a criação de um grupo de gravura – Coletivo Mirra Gravados. Desse grupo, participam sete gravadores, que se propõem a aceitar os desafios do fazer gravura, experimentando diferentes técnicas e materiais. Em 2024, iniciou-se a prática de aulas de aquarela. Atualmente (2025), mais de cinquenta pessoas frequentam semanalmente o espaço do Alvéolo para atividades diversas ligadas à arte.

No caminho da fonte as amoras silvestres aguardam a colheita

Contar a história do Alvéolo é trazer à memória minha própria história como pessoa e como artista visual. Nasci de família humilde, mas de muito afeto e muita atividade. Minha infância foi muito rica de brincadeiras, de amizades e de objetos inventados. A criatividade infantil e a falta de dinheiro para comprar coisas fabricadas nos levavam a criar os mais variados brinquedos com materiais de que dispúnhamos: fazíamos bonecas com folhas de mamona, cadeirinhas com os talos de folhas de mandioca, verdadeiras esculturas artesanais. Dos talos de mandioca fazíamos também jogos de vareta. E os brinquedos de casinha no fundo do quintal? Fogo num fogãozinho improvisado com três tijolos e uma chapa de folha de lata de azeite aberta e batida para não nos cortarmos e panelas improvisadas com latas de conserva descartadas completavam a imitação da casa de nossa mãe.

Meu pai era meu herói, minha mãe, meu porto seguro, meus irmãos e irmãs mais velhos, a extensão de meus pais, e meus irmãos mais novos, os companheiros de brinquedo. Com meu pai, eu fui a primeira vez ao circo, ao teatro e, por meio dele, vi o primeiro filme em minha vida. Com minhas irmãs mais velhas, vivi experiências de teatro, encenando peças para a comunidade.

Desde criança, eu já desenhava e pintava, alegrando a família. Na adolescência, fiz dois álbuns de desenho e pintura, a que hoje chamamos de livro de artista. Fazia para dar de presente. Fiz o primeiro, o segundo foi encomendado. Eram desenhos copiados, depois eu pintava com lápis de cor, que era o material de pintura de que dispúnhamos naquela época.³ Na escola, desenhava os trabalhos para as colegas na aula de artes. Então, desde essas primeiras conexões com a arte e o voltar-se para estudos que me levariam a sentir que viver é expressar arte até a criação do Alvéolo, uma longa jornada foi empreendida.

Adolescente, passei a residir em Porto Alegre, RS, onde frequentei pequenos cursos em ateliês particulares, passando, depois, a partir de 1978, a frequentar o Ateliê Livre da Prefeitura de Porto Alegre, uma escola de arte e espaço cultural, com cursos intensivos e regulares de desenho e pintura. Ali estudei de 1978 a 1994, com uma pausa de 1980 a 1991. Em 1995, mudei-me para Florianópolis, SC, onde iniciei a divulgação da técnica da aquarela, em ateliê próprio e no Departamento Artístico e Cultural (DAC) da Universidade Federal de Santa Catarina, ali permanecendo até 2004.

²Informações sobre o Alvéolo e sua criadora encontram-se no artigo de Ana Maria Alves de Souza, que frequenta o ateliê. SOUSA, Ana Maria Alves de. Zulma Borges e a coordenação do Ateliê Alvéolo: *agregando pessoas na prática da aquarela em Florianópolis*. In: FAZENDO GÊNERO, 12. SEMINÁRIO INTERNACIONAL UFSC, Florianópolis, 2001. *Anais eletrônicos* [...]. Florianópolis: UFSC, 2001. Disponível em: <https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/site/anais#Z>. Acesso em: 12 maio 2025.

³BORGES, Zulma. *A cor da nossa tela*. Entrevista a Zeca Pires. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aQx8Rxxwk4k>. Acesso em: 4 maio 2025.

Em 1999, decidi fazer o curso de Artes Plásticas na UDESC, com foco em pintura e gravura, concluindo em 2003. Em 2005, entrei na UFSC para fazer o curso de filosofia. Em 2008, iniciei a trabalhar na UFSC, onde permaneci até 2012. Durante esse tempo, interrompi as aulas de aquarela que eu ministrava e dediquei-me ao trabalho de revisora de texto na UFSC e ao curso de filosofia.

Nesse tempo em que deixei de ministrar aulas de aquarela, havia o desejo de criar um espaço onde pessoas interessadas praticariam a aquarela. Em 2012, quando me aposentei, foi possível pensar mais firmemente na realização desse projeto. Da ideia à realização, foi só iniciar. Em junho de 2014, fizemos o primeiro encontro com um grupo já organizado, dando continuidade aos encontros semanais. Em 30 de setembro, inauguramos oficialmente o Ateliê Alvéolo com uma exposição de Maria Esmênia, uma das primeiras alunas de aquarela, desde quando comecei a dar aulas em Florianópolis.

O Ateliê Alvéolo existe, então, desde junho de 2014, funcionando ativamente em sistema de *coworking*, em que pessoas se reúnem para pintar, trocar ideias, compartilhar saberes, expor e divulgar seus trabalhos em feiras e exposições coletivas ou individuais. Para a realização desse projeto, bastou decidir o momento de executá-lo. Era um espaço aguardado pelos aquarelistas, um espaço para praticar e viver a arte.

As paredes permitiram a travessia

A arte sempre esteve presente em minha vida, desde a infância. O meu contato com cinema, escola, festas começou na primeira casa em que vivi. Nela, além de uma barbearia, um bar e uma sala de carpintaria, funcionavam a escola do lugarejo, o salão de baile, a sala de cinema. Um grupo itinerante apresentou um filme sobre a ressurreição de Cristo e um documentário sobre o tamanduá. O filme foi projetado num telão na parede. No meu olhar de criança, esses acontecimentos eram considerados normais, faziam parte do mundo familiar, mas hoje eu vejo essa minha primeira casa como um centro cultural, um espaço aberto ao trabalho, ao conhecimento, à alegria, à arte, tudo isso proporcionado por meu pai. Essas lembranças me surgem como imagens do *espaço feliz*.⁴ Hoje entendo que essa casa era um centro, aonde pessoas acorriam para aprender, trabalhar, apreciar arte, divertir-se, compartilhar, conviver.

Quando pensava em construir o Ateliê Alvéolo, ainda não tinha essa compreensão, ainda não havia tomado consciência de que havia ali um fio de conexão à casa de infância, onde, no meu dia a dia, eu convivía com arte. O nome Alvéolo volta-se a esse tempo vivido nesses espaços trazidos pela memória, prolongados e atualizados no presente pelas vivências no Ateliê. Diz Bachelard: *Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido*.⁵ Por extensão, Alvéolo é o lugar onde se processa o trabalho, onde nos recolhemos, onde experiências de vida acontecem. Estar no Alvéolo é sentir-se presente na casa natal.

Hoje, ao lembrar-me de meu pai, vejo-o como um guerreiro, um desbravador, um grande construtor. Ele sustentava a família construindo casas. Também construía escolas e balsas. Casas para as pessoas viverem, escolas para aprenderem, balsas para atravessarem os rios. Talvez seja por isso que tenho a palavra construção como uma das mais belas: construção de abrigos, de travessias, de relações, de afetos, de palavras, construção de paisagens, de espaços de arte. Meu pai criava espaços de viver, espaços que se convertiam em lugares. Ele também construía sonhos. Sabia ver gigantes nos moinhos. Contava histórias reais, vividas por ele, contos fantásticos em que sua figura sempre encarnava a do herói.⁶ Acredito que esse mundo de sonhos aberto por

⁴BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fonte, 2000. p. 19.

⁵Idem. p. 28.

⁶BORGES, Zulma. *Uma outra paisagem*: Entrevista com Zulma Borges. Entrevista a Clóvis Werner em 2016, para a oficina de curadoria de Kamila Nunes no DAC-UFSC. Disponível em: <https://interartive.org/2016/10/oficina-curadoria>. Acesso em: 19 abr. 2025.

meu pai tem muito a ver com a jornada que empreendi no mundo da arte, e posso dizer, com imensa ternura, que as raízes do Ateliê Alvéolo encontram-se nessas vivências de infância, nessas paisagens afetivas.

Em outras palavras, aos poucos passei a compreender o Ateliê Alvéolo como um espaço cultural. Como tal, ali se promove atividades artísticas e culturais, por meio do encontro de pessoas, exposições de trabalhos, realização de oficinas e *workshops*. Conta com um acervo considerável de livros de arte, disponíveis para consulta e pesquisa. Estimula a criatividade e promove a interação social entre os participantes. Oferece variadas atividades, como pintura, gravura, desenho, bordado, livros de artista, encadernação, em encontros regulares ou eventuais. Num ambiente de liberdade, o Ateliê Alvéolo contribui para o desenvolvimento cultural e social.

Por que pintar? Por que fazer arte? Por que permanecer?

A história do Alvéolo entrelaça-se com os percursos de vida de seus integrantes. Cada um tem sua história de vida junto ao Alvéolo. Por que procurou o Alvéolo? Por que ficou? Por que continua? São muitas as razões que motivam o grupo a continuar frequentando e trabalhando ativamente nesses dez anos de sua existência. Algumas razões são enumeradas a seguir, conforme depoimento dos próprios alveolanos.⁷

- Coerência do objetivo da criação, atividades que permitem reflexão, aperfeiçoamento, seriedade, discussões sobre arte e sobre assuntos de interesse do momento, atualização, amizade, possibilidade de convivência social com pessoas focadas em objetivos comuns, vinculados à arte.

- O ateliê proporciona um espaço amigável, sem pressão por desempenho ou objetivo a ser atingido. Os trabalhos desenvolvidos são estímulos para novas pesquisas e permanência no grupo, mas cada um tem a liberdade de criar, de acordo com sua poética pessoal. O compartilhamento de saberes, o convívio presencial, a troca de experiência, a opinião dos colegas, o aprendizado constante e presença semanal são fatores que motivam a permanência no grupo. Alguns integrantes consideram o Alvéolo um laboratório, onde se fazem experimentações e estudos. O trabalho de um é inspiração para outros.

São perceptíveis também as mudanças que os trabalhos desenvolvidos promoveram ou promovem na vida pessoal de seus integrantes. Seguem algumas.

- O desenvolvimento dos trabalhos com arte é estímulo para crescimento pessoal, reforça os benefícios trazidos pelo convívio grupal e mantém os seus integrantes ligados ao mundo da arte.

- Muda a maneira como se enxerga o cotidiano e a natureza para transformá-los em arte.

- Aguça a sensibilidade por meio da arte, ampliando a percepção de mundo de seus participantes.

- O trabalho desenvolvido com aquarela reúne saberes diversos, enriquece todos os participantes com novos desafios, congrega várias formas de expressão e estilo individual e valoriza cada participante com sua poética pessoal.

- A participação no ateliê garante um espaço e tempo semanal para praticar a aquarela com regularidade. Oportuniza aprender e compreender a aquarela como técnica artística para expressar poéticas pessoais.

- O trabalho no ateliê oferece a oportunidade de cada um fazer seu caminho, a desenvolver o olhar, a apreciar o trabalho do outro sem comparações.

⁷Depoimento dos alveolanos enviados a Zulma Borges por WhatsApp em janeiro de 2025.

- O Alvéolo é um lugar de inspiração pela diversidade de formas e olhares de fazer a aquarela, em que a quantidade de singularidades soma-se e dá forças ao todo, ao coletivo.

As águas da fonte derramam-se na terra inteira

Cumprir dizer que o Ateliê Alvéolo não foi criado com o objetivo de fazer exposições, e a maioria dos aquarelistas hoje não vê as exposições como meta. No entanto, uma produção constante e admirável merece ser divulgada ao público, exposições oferecem momentos de aprendizagem. Mostrar o trabalho que se faz é um ato de generosidade do artista. Com esses objetivos, o Ateliê divulga seus trabalhos em eventos de arte.

Em seus dez anos de existência, aconteceram neste espaço algumas exposições individuais e coletivas. A exposição de inauguração foi da artista Maria Esmênia (2014), uma das primeiras alunas de 1995, no próprio espaço do Ateliê. Seguiram-se muitas outras, Nadir Ferrari (2015) e Dolma Magnani (2016) no espaço expositivo do Alvéolo, e as coletivas dos alveolanos em 2015 e 2017, também no espaço do Ateliê. Outras exposições seguiram-se em outras instituições e espaços culturais: Livro de artista, na UDESC, Por que pintar, no BRDE, Aquarelas, na UNIVALE, Livre criar, na BU-UFSC, Livre pintar, na BU-UFSC, Alvéolo - Dez anos de existência no Ateliê, no Alvéolo, No Jardim de Epicuro, no MESC.

Além das exposições, realiza-se a uma feira anual para expor, divulgar e disponibilizar democraticamente os trabalhos de aquarela e gravura, com a presença do artista. Desde a primeira edição, em 2014, a feira vem acontecendo no primeiro sábado de dezembro. Este ano de 2025, teremos a décima edição da feira de aquarelas, que acontece no espaço do Alvéolo.

Nada deve ficar escondido no fundo das gavetas

Não me considero uma profissional da arte. Pratico arte para sentir-me bem comigo e com meu próximo. Divulgo arte porque amo o próximo e desejo que ele se sinta bem praticando e conhecendo arte. A arte nos liberta e nos renova. Vejo com louvor essa entrega na produção de arte, que exige reflexão pois, de certa forma, somos forçados a fazer esse encontro com nosso interior, esse enfrentamento do qual não conseguimos escapar, mas considero que devemos nos empenhar para que nada fique escondido no fundo das gavetas.

Na arte, encontramos razões importantes para nossa sobrevivência. Aprendemos a conviver, a aceitar o outro, a ouvir, a acolher, a compreender, a compartilhar. Embora cada um tenha realizado seu próprio percurso, em algum momento, os pontos comuns cruzam-se, e percebemos que é na alegria de estarmos juntos que se soltam os nós. Nesses entrelaçamentos, persistimos. Como no poema *Tecendo a Manhã*⁸, tecemos nosso cotidiano. É preciso que uma vida se una a outra e a mais outra, como numa teia, e construa o dia a dia desse espaço de arte de nome Alvéolo, um lugar onde se tece a arte todos os dias, um lugar onde a mão trabalha e o coração se expande.

⁸MELO NETO, João Cabral de. *Tecendo a Manhã*. Disponível em: <https://www.tirodeletra.com.br/poesia/JoaoCabral-Tecendoamanha.htm> Acesso em: 3 maio 2025.



José Carlos da Rocha - detalhe de aquarela.

FESTEJANDO DEZ ANOS DO ATELIÊ ALVÉOLO

Maria Esmênia Ribeiro Gonçalves

Do vínculo com o passado se extrai a força para a formação da identidade. A memória inspira e recupera a graça do tempo.

Ecléa Bosí¹

O espaço

A história do Ateliê Alvéolo começa com um pequeno anúncio veiculado no jornal *Diário Catarinense* em 1995, oferecendo aulas de aquarela. Recrutadas pelo jornal a participar da experiência, Cecilia Zylbersztajn e eu, uma sem conhecer a outra, mas movidas por uma afinidade com a técnica, comparecemos ao endereço. Foi muita sorte a minha: as aulas aconteceriam na rua em que morava e moro: a Percy João de Borba, no bairro Trindade. A professora era Zulma Borges.

Nascia ali, naquele apartamento, um espaço cultural e também educativo. Um lugar que se mostrou, ao longo do tempo, um agregador de pessoas de contextos diferentes, promovendo o estudo e a reflexão crítica sobre a aquarela. Esse espaço tornou-se, desde então, um local privilegiado de formação, partilha e construção do conhecimento artístico.

Desde aquele anúncio, o espaço mudou de endereço para o atual, rua Maria Eduarda, 80, com sala própria na casa nova; e, em 2017, ganhou sua própria casa nova e recebeu o nome de Alvéolo. Mas não importaram as mudanças de espaço ocorridas, os objetivos continuaram os mesmos: enaltecer e difundir a técnica da aquarela. As casas que abrigaram e abrigam o Alvéolo abrigaram e abrigam também seus fins.

Segundo Gaston Bachelard,

[...] a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem, às vezes se opondo, às vezes excitando-se mutuamente. Sem ela, o homem seria um ser disperso. [...] Logicamente, é graças à casa que um grande número de lembranças é guardado. [...] Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço.²

É essa a função do espaço, diz Bachelard. O espaço do Alvéolo é esta casa, que abriga a força de integração de pensamentos, lembranças e sonhos, daqueles que têm afinidade com a técnica.

¹ECLÉA, Bosí. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

²BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 26-27-28.

A idealizadora

A história desse espaço de estudos de aquarela gira em torno da Zulma Borges, como idealizadora do espaço criado para respirar e falar de aquarela. Ao longo do tempo, Zulma mantém o Alvéolo como um lugar que, com rigor e paixão, junta pontos, indivíduos, sonhos... Faz questão de que mais do que um lugar de transmissão de saberes, seja um espaço para fazer trocas. A filosofia de trabalho e filosofia de vida da Zulma está identificada com Paulo Freire, quando diz que *aprendemos uns com os outros*.

As trocas facilitadas naquele espaço construíram pontes as mais diversas: afetivas, históricas, epistemológicas... Pontes que conectaram, mas também dissolveram a rigidez de dogmas, de distanciamentos, criando, em seu lugar, outros conjuntos de significados, de pertencimentos, de identidades. É um legado da Zulma Borges, cheio de generosidades, em que o foco está na riqueza do processo de estudos e práticas da técnica. Abrir as portas e as janelas da sua própria casa, da sua própria vida para que outros conheçam e participem do seu percurso é um imenso ato de generosidade desta idealizadora e mantenedora do Ateliê Alvéolo.

Por que estou falando disso?

E por que me propus a organizar as comemorações dos Dez Anos do Alvéolo? Porque eu estava lá quando tudo começou: naquele anúncio de jornal em 1995; estava lá no Ateliê construído na casa número 80 da Rua Maria Eduarda; também estava na inauguração do agora intitulado Ateliê Alvéolo e estou aqui no momento dos dez anos da sua fundação como Alvéolo. Comemorar os Dez Anos de Alvéolo foi um projeto que considerei importante montar e concretizar, considerando minha condição de primogênita, junto com a Cecília, e considerando as oportunidades que tive, a partir do Alvéolo, de participar dos primeiros eventos artísticos da minha vida.

Em 1997, fiz minha primeira exposição individual, que foi dedicada a Zulma. Foi no espaço Cultural Banco do Brasil, criado na agência da Rua Lauro Linhares. Conforme o livro de assinatura das presenças, a mostra aconteceu de 4 a 15 de agosto. Também, em 1997, Cecília, Zulma e eu fizemos a primeira exposição juntas. Foi no Beiramar Shopping; e, em dezembro do mesmo ano, nós três e a Maria Madalena Ferreira expusemos na sede da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, da Praça XV. A minha primeira exposição em Galeria de Arte foi na Galeria de Arte Ernesto Meyer Filho, na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, em setembro de 1998, uma mostra a três: Zulma, Cecília e eu. Zulma, conhecedora da poesia de Federico García Lorca, propôs como título da mostra *Mar que te quero Amar*, como uma analogia à poesia *Verde que te quero Verde*. Foram expostas aquarelas de rochedos, conchas, peixes, contemplação e muito mais.

Fiz a primeira exposição individual do Alvéolo, exposição que marcou a fundação do Ateliê e que chamei de *Aquarelas do Z ao A*, em que homenageei os artistas que foram meus professores desde o começo dos estudos de arte, após a aposentadoria na UFSC. Do Z de Zulma, ao A de Ari de Góes, passando por Juliana Hoffmann e Sônia de Brida Zanette. Portanto, considerei que precisava de certo modo retribuir o tanto que recebi durante todos estes anos, do ateliê e da Zulma. Foi assim que nasceu a proposta da exposição: Alvéolo, Dez Anos de Existência, acontecida em 30 de setembro de 2024 no Ateliê Alvéolo.

Os colaboradores

Apresentado para os alveolanos o projeto da exposição Alvéolo, Dez Anos de Existência, imediatamente José Antônio Bellini aceitou meu convite para aquarelar a casa 80 da rua Maria Eduarda, que abriga o Ateliê Alvéolo; Osmar Yang criou o convite para as mídias sociais, e todos os aquarelistas do Alvéolo aceitaram compor a mostra, que foi inaugurada em 30 de setembro de 2024, e que teve a minha curadoria.



Ateliê Alvéolo convida
EXPOSIÇÃO: ALVÉOLO, DEZ ANOS DE EXISTÊNCIA
ABERTURA: 30 DE SETEMBRO DE 2024, 19 HORAS

Rua Maria Eduarda, 80 – Bairro Pantanal, Florianópolis /SC, Brasil
Visitação: Até 30/10/2024, de segunda a sexta
marcada pelo e-mail: zulminha@gmail.com

Ana Maria AS, Carla Corina,
Cecília Caldini, Eleonor Conill,
Helena Werner, Isa Simões,
José Antônio Bellini, José Carlos da Rocha,
Ligja Czesnat, Luiza Nascimento,
Juliana Bernardi, Maria Esmênia (curadora),
Michelli Zimmermann Souza, Nadir Ferrari,
Osmar Yang, Ricardo do Rosário,
Tim Diederichsen, Zulma Borges

Ateliê Alvéolo, a mão trabalha, o coração se expande.

Aquarela de José Antônio Bellini

Texto de homenagem: Ligja Czesnat

Convite de exposição. Aquarela de José Antnio Bellini. Criação de Osmar Yang

Importante registrar a participação da professora Rosângela Cherem neste projeto de comemoração dos dez anos de existência do Alvéolo. Fui procurá-la para ouvi-la sobre a homenagem que eu gostaria de prestar ao Alvéolo, e imediatamente ela ampliou a ideia para uma exposição também fora da sede do ateliê, o que aliás já havia acontecido, uma vez que o Ateliê já expusera em outros espaços expositivos de Florianópolis. Agora, no entanto, ela propôs aos alveolanos o espaço da principal sala expositiva do Museu da Escola Catarinense (MESC), e desenvolveu, junto com Ligia Czesnat, um projeto de exposição, que se denominou *No Jardim de Epicuro - Dez Anos de Alvéolo*. Em seguida, incluiu na equipe curatorial os graduandos em Artes Visuais do Centro de Artes da UDESC: Clara Rovaris, Gustavo Scheid e Karine Abboti, além de Maria Esmênia, Zulma Borges e Lígia Czesnat, cabendo à proponente a responsabilidade de coordenar a equipe.

Envolvendo diferentes profissionais ligados às artes em Florianópolis, a empreitada realizou palestras e demonstrações, a documentação feita pelo fotógrafo Mario Oliveira e a montagem encabeçada por Xanxa, além de contar com a disponibilidade dos funcionários do MESC. Tudo isso descortinou e ampliou o horizonte dos participantes do ateliê. Cabe destacar as entrevistas feitas por Rosângela Cherem e Ligia Czesnat, atentas tanto às singularidades e paixões de cada um dos vinte e quatro aquarelistas, como à seleção e possibilidades expositivas dos seus trabalhos. Encerrada essa etapa, que ocorreu ao longo do segundo semestre de 2024, a exposição aconteceu de 22 de janeiro a 26 de fevereiro de 2025. Dela participaram os seguintes alveolanos: Ana Maria AS, Audrey Laus, Carla Corina, Cecília Caldini, Eleonor Conill, Fernando Sant'Anna, Gloria Gil, Helena Werner, Isa Simões, José Antônio Bellini, José Carlos da Rocha, Juliana Bernardi, Ligia Czesnat, Maria Esmênia, Michelli Zimmermann Souza, Nadir Ferrari, Osmar Yang, Ricardo do Rosário, Susana Lauck, Tim Diederichsen, Vera Lícia, Vera Sayão, Walkiria Marks e Zulma Borges.

Durante o período expositivo, Rosângela Cherem trouxe uma outra sugestão: a publicação de um catálogo da exposição. Na sequência, mantendo sua preferência para sempre trabalhar em grupo, recomendou Eneléo Alcides como coordenador, junto com uma equipe necessária para viabilizar o projeto: Zulma Borges, Maria Esmênia e Rosângela Cherem. O catálogo é, então, resultado de uma proposta para registrar este grupo de aquarelistas que persiste e segue junto ao longo de uma década, mas também é um presente para nós, alveolanos.

E assim fica concluída minha pretensão ou intento de homenagear o Ateliê Alvéolo em seus dez anos de existência e sua mentora Zulma Borges. Uma proposta inicialmente simples, que se tornou gigante com a colaboração de tantas pessoas. Agradeço a todos os alveolanos, e a cada um que não mediu esforços para que esta homenagem se tornasse realidade em todas as suas dimensões e especificidades. Minha gratidão especial à professora Rosângela Cherem pela demonstração de amor ao Ateliê Alvéolo. Obrigada a todos.

Maria Esmênia trabalha também com aquarela. Artistas como José Maria Dias da Cruz, Zulma Borges, Juliana Hoffmann, Ari de Góes Jr, Sonia de Brida Zanette, Meg Roussenq foram alguns dos seus mestres. Trabalha com temas que fazem a leitura do cotidiano. Participa de exposições individuais e coletivas. É associada e atualmente vice-presidente da Associação Catarinense dos Artistas Plásticos (ACAP).



José Carlos da Rocha - detalhe de aquarela.



Eleonor Conill - detalhe de aquarela.

BREVES REFLEXÕES SOBRE A AQUARELA

Ligia Czesnat

Resumo sobre a história de uma técnica

A história da aquarela tem origem num momento do passado, quando os humanos descobriram uma planta fibrosa, chamada *cyperus papiros*, que nasce nas margens do Rio Nilo e que, quando cortada em tiras, formava um rolo que chamavam de *volumen*¹. Esses rolos de papiros, também chamados *papel de Egipto*, eram utilizados para escritas, ilustrações sobre ciências, histórias, magia, religião, e para os conhecidos livros dos mortos², ou seja, rolos que se enterravam com os mortos, para ajudá-los na viagem para a outra vida, onde teriam de prestar contas ao deus *Osiris*, Juiz dos Mortos. Esses volumes eram chamados de *miniaturas*, que eram pintadas com cores transparentes, com pigmentos como os ocres e sienas, outros, de minerais como os cinábrios para os roxos, azurita para os azuis, a malaquita para os verdes, o ouro para o amarelo e um mineral de sulfeto de arsênio para o laranja, para o preto usavam madeira queimada, e para o branco, gesso. Como aglutinante desses pigmentos, usavam goma arábica com clara de ovo, e eram aplicados diluídos em água. O *Livro dos Mortos* é considerado um dos mais importantes registros de uso da aquarela na Antiguidade.

Nos anos 170 A.C., o rei de Pérgamo, chamado Eumenes II, utilizou o pergaminho de pele de carneiro ou de cabra, tratada com cal, acetinada com pedra pome, vendida nas lojas de pergaminho, unidas na forma de pequenos cadernos, chamados *códices*. Desse modo, utilizou-se o pergaminho para a confecção de manuscritos.

Assim, desde o século IX, tanto na Grécia, como em Roma, Síria e em Bizâncio, a maioria das miniaturas eram pintadas com aquarelas mescladas com o branco de chumbo ou aquarela opaca. Porém, no século IX, no reino dos imperadores carolíngios, Carlos Magno atribuiu muita importância à criação de manuscritos, e, com a colaboração de bons artistas, alterou-se o uso da aquarela opaca para a aquarela transparente, com continuidade no Renascimento, quando as miniaturas pintadas em aquarela tornaram-se comuns.

¹PARRAMÓN, José M. *El Gran Libro dela Acuarela*. 5. ed. Barcelona: Ed. Angela Berenguer, 1992. p.12.

²Idem. p. 12.

Alberto Dürer, de Nuremberg (1471-1528), um dos maiores pintores e gravador do século XVI, escreveu, durante sua vida, três livros, realizou mais de mil desenhos, quase duzentas e cinquenta xilogravuras, uma centena de gravuras em cobre, cento e oitenta e oito quadros, dentro dos quais oitenta e seis são aquarelas. O primeiro quadro conhecido de Dürer, pintado aos dez anos, foi uma aquarela de paisagem. Costumava alternar a pintura a óleo com a pintura de aquarela. Quase não se tem notícias de suas aquarelas, porém, citam-se, em Bremen, *Vista de Kalchreuth*, aquarela sobre papel, e *Asa de Passarinho Azul*, aquarela sobre pergaminho no Museu Albertina, em Viena. É famosa a pintura *Lebre*, aquarela sobre papel, em Viena.

A aquarela não era reconhecida como procedimento em si mesmo até o final do século XVIII. As aquarelas tinham valor documental, eram apontamentos para futuros quadros a óleo. Essa subvalorização perdurou até o século XX. Nos anos trinta, os irmãos Tietze, autores de um catálogo completo da obra de Dürer, mencionam as aquarelas como desenhos, e esse critério é seguido por Lippman, Winkler e Panofsky, autores de monografias e catálogos sobre Dürer. Sem dúvida, Alberto Dürer foi um precursor da aquarela, embora a técnica tenha sido citada como meio de auxiliar a pintura a óleo.

Jacobo Bellini, cinquenta anos antes, realizou uma série de desenhos aquarelados como esboços para futuras pinturas obras; ainda se pode citar os artistas flamengos e em especial Rubens.

Rubens pintou durante sua vida cerca de mil quadros, a maioria destinada a decorar igrejas, mansões e palácios. Costumava conceber sua obra através de alguns apontamentos e logo executava um desenho aquarelado, e, a partir desse esboço aquarelado, pintava um projeto a óleo em escala reduzida.

Van Dyck, ao deixar o ateliê de Rubens, viajou para a Inglaterra, onde pintou paisagens aquareladas, como primeiro esboço, exemplificada em *Paisagem com o Porto*, no Instituto de Belas Artes de Moscou, pintado em 1632 em segunda estadia na Inglaterra.

Jacobo Jordaens pintava quando jovem seus projetos de tapeçarias em aquarela, seguindo a maneira de trabalhar de seu mestre Rubens. Como exemplo, o *Apedrejamento de São Estevão*, esboço pintado em aquarela no Museu de L'Ermitage, Leningrado.

Essa maneira de usar a aquarela ocorreu, de um modo geral, em toda a Europa nos séculos XVI ao XVIII, exceto na Holanda, onde os artistas Van Avercamp, Van Everdingen, os irmãos Van Ôstade, e outros, pintavam notas e apontamentos de aquarela, que vendiam como pequenos quadros aos artesões e pequenos burgueses de Amsterdam.

Alguns séculos adiante, a aquarela passou a ser utilizada pelos viajantes ilustradores que participavam das expedições marítimas pelas terras do novo mundo. Destacam-se especialmente as aquarelas de Jean-Baptiste Debret, realizadas durante sua estadia no Brasil entre 1816 e 1831. São registros valiosos da vida no novo mundo, especialmente do Rio de Janeiro da época. Suas obras, reunidas em seu álbum *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1834/1839).

Debret, como membro da Missão Artística Francesa, chegou ao Brasil com o objetivo de criar uma Academia de Belas Artes. No entanto, suas aquarelas e desenhos, produzidos em seu tempo livre, oferecem um olhar mais profundo sobre a realidade brasileira da época, incluindo cenas de violência e desigualdade social, especialmente com relação aos negros escravizados e aos povos indígenas

Entre suas obras e temáticas, destaca-se a mencionada *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, publicada em 1834 e 1839, reúne 220 gravuras baseadas em suas aquarelas e desenhos, acompanhadas de textos explicativos. Retratou também cenas do dia a dia, como mercados, festas populares, o trabalho nas ruas, a vida na corte e na cidade. Tratou da escravidão, abordando a dura realidade da escravidão, incluindo cenas de castigos físicos e trabalho forçado. Ainda retratou os indígenas, mostrando seus costumes e a reação da sociedade colonial. Estudou a flora e a fauna brasileira em suas obras, com detalhes, e a exuberância da natureza. A obra de Debret é fundamental para a compreensão da História do Brasil no século XIX, pois estabelece um registro visual da sociedade, da cultura e das relações sociais da época.

Durante sua estadia no Brasil, Albert Eckhout, entre 1637 e 1644, pintou aquarelas que são reconhecidas por seu valor etnográfico, aquarelando com detalhes a fauna e flora e africanos no Brasil holandês. Foi um dos primeiros artistas a retratar de forma realista os povos indígenas, abandonando os cânones renascentistas de beleza idealizada em favor da representação mais naturalista e descritiva.

Eckhout foi enviado pelo Conde Maurício de Nassau para documentar as paisagens, povos e costumes locais, em um momento em que a curiosidade europeia sobre o Novo mundo era grande. A Companhia das Índias Ocidentais tinha interesse em divulgar suas conquistas e as riquezas do Brasil holandês. A obra de Eckhout, junto com outros artistas, como Frans Post e outros, faz parte desse esforço de documentação e divulgação. Eckhout produziu 400 desenhos e esboços a óleo, e retratos de casais indígenas (Tupi e Tapua), negros e mamelucos, além de cenas da natureza e da vida cotidiana. Seus trabalhos rompem a tradição de representar a realidade europeia, mostrando corpos e rostos “imperfeitos” e sem a “beleza clássica” a que os europeus estavam acostumados. Destacou-se ainda por retratar a flora e fauna brasileira com precisão, incluindo frutas exóticas, como banana, a goiaba e a manga, pitanga, além de aves como a arara. Suas pinturas são uma fonte importante para a compreensão da história do Brasil e da compreensão da história do Brasil e da arte colonial.

Quando os avanços da reprodutibilidade técnica tornaram as gravuras em livros um material de maior circulação, alguns exemplares eram aquarelados, proporcionando ao material impresso um efeito mais interessante num mercado editorial que, embora ainda restrito, encontrava-se em expansão. Assim, notadamente as paisagens, flora, fauna e cenas do novo mundo despertaram novos interesses, tanto para os conhecimentos da ciência moderna, como para os interesses da arte. Desde as caixinhas de tabaco ou joias, até os camafeus e os cartões de tapeçarias, foi a circulação mais ampliada desses novos elementos visuais que levou um movimento como *Arts and Crafts* a valorizar suas potencialidades. Artistas como William Turner, Toulouse-Lautrec e John Singer Sargent exploraram suas possibilidades, levando a técnica a novos patamares de percepção e expressão.

Ainda no contexto das viagens, merecem ser citados Delacroix e Paul Klee³.

Delacroix visitou Marrocos em 1832 e ali produziu mais de mil aquarelas, individuais ou em cadernos. São conhecidos quatro de sete cadernos utilizados durante essa viagem de seis meses. Três estão no Louvre. Dois compõem-se de anotações a lápis para especificar cores ou outras impressões, como um diário de um pintor viajante, atento a tudo o que vê. As anotações mesclam-se com os desenhos pintados em aquarela.

³Para as anotações sobre Delacroix e Paul Klee, consultou-se o Trabalho de Conclusão de Curso de Zulma Borges. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000042/00004224.pdf> Acesso em: 21 jun. 2025.

Em abril de 1914, Paul Klee fez uma viagem de estudos para Tunísia. Ele viajou para pintar a paisagem tunisiana. Aqui já a aquarela não é usada como um meio, mas como um fim. São conhecidas inúmeras aquarelas desse artista, pintadas ao ar livre, em pleno sol tunisiano.

Muito ainda há para relatar sobre a história da aquarela, seu desenvolvimento no século XX, mas nosso propósito aqui é apresentar um breve resumo. A história segue.

Na atualidade, a aquarela tem-se firmado como técnica artística, não sendo mais vista como um meio para outras pinturas, mas como uma técnica de pintura que se mantém relevante no mundo da arte atual, com todas as suas possibilidades de criação. São conhecidos artistas que se dedicam à arte da aquarela em todo o mundo, desde a América Latina e Estados Unidos até Europa, África, Ásia, Austrália, e que utilizam a técnica para obras nos mais variados temas e estilos, produções delicadas, detalhadas ou abstratas e expressivas. Hoje, os artistas contam com o desenvolvimento moderno de materiais, como tintas, papéis e pincéis de ótima qualidade, o que contribui muito para o interesse e aceitação das obras de arte em aquarela.

Cumprir destacar, ainda, a grande visibilidade da aquarela no meio digital. Artistas divulgam e compartilham suas obras em redes sociais, plataformas de arte e tutoriais, o que contribui para a sua popularidade, difusão e aprendizado.

Certas singularidades pictóricas da aquarela

Várias são as razões que tornam a aquarela uma técnica bastante útil a quem deseja aprender pintura. Em primeiro lugar, não demanda cavalete, tampouco um espaço em que os trabalhos precisam ser colocados porque demoram muito mais tempo até secar, nem mesmo pedem muito espaço para serem guardadas, bastando colocá-las em alguma pasta, prateleira ou gaveta. É um procedimento que exige, ao mesmo tempo, espontaneidade para trabalhar com as manchas produzidas pelos pigmentos diluídos. O uso da água como diluente não só confere transparência às cores, mas também oferece um desafio intrigante, pois cada aplicação pode resultar em resultados inesperados e únicos. O papel branco é de fundamental importância, pois é através dele que os efeitos de luzes se materializam. Assim, habilidade é exigida no manuseio do pincel, como também no domínio da mão, além de uma disciplina que exige concentração e paciência para que as camadas cromáticas aconteçam e produzam o resultado esperado. Os matizes e nuances, unidos aos pigmentos suspensos, e as possibilidades cromáticas aceitam que o frescor da umidade derrame-se sobre o papel, suscitando brilho, transparência e delicadeza, próprios dessa técnica. Para alcançar desenvoltura e mais habilidade, é necessário manter o foco e praticar bastante. Com sua riqueza de possibilidades, a aquarela destaca-se como uma técnica acessível e inspiradora, perfeita para quem busca explorar sua criatividade e expressar emoções por meio da arte. Em outras palavras, embora seja popular entre amadores e artistas, a aquarela permite uma variedade de abordagens, podendo produzir desde lavagens suaves até detalhes vibrantes, tornando-a uma escolha versátil para o trabalho artístico. Ademais, para quem observa, é sempre bom surpreender-se com resultados por vezes etéreos e luminosos, por vezes densamente foscos e sombrios. Mas para que a aquarela possa ultrapassar sua condição de lição bem-feita e funcionar como um modo de expressão, leitura ou criação de mundo, muito mais será necessário. Tal como a aptidão do cirurgião, a *performance* do atleta ou a virtuosidade do pianista, sabemos que a prática e o esforço serão redobrados, e interromper por um período prolongado pode ser bastante prejudicial. Ainda que se reconheça o talento nato, a obstinação e o empenho, a formação de um repertório visual e uma pesquisa paciente e sincera são fundamentais.

Modos de ser na aquarela

Assim, seguindo essa tradição, reúnem-se no Espaço Alvéolo uma sorte de aquarelistas, determinados a praticar a aquarela nas suas mais variadas temáticas, sejam elas as naturezas-mortas, como as de Carla Corina, os animais ou os retratos realistas de Osmar Yang, as magníficas e úmidas cachoeiras presentes nas aquarelas de Suzana Lauck e Juliana Bernardi, a sensibilidade e delicadeza das aquarelas de Helena Werner, as cores corretas das paisagens de José Antonio Bellini, as paisagens realistas de José Carlos da Rocha, a delicadeza dos traços e manchas de Nadir Ferrari, a execução delicada das concertinas de Zulma Borges, as manchas figurais de Walkiria Marks, as soluções expositivas de Vera Sayão e as de Vera Lícia, as cores das paisagens da Isa Simões e das flores de Michelli Souza, entre outros. São variadas temáticas intensamente exploradas, onde cores, luzes, reflexos, transparências são habilmente executados, pela beleza da arte do instantâneo e transitório no mundo das artes.

Reverberações metafóricas

Como muitas outras modalidades e técnicas pictóricas, a aquarela leva-nos a refletir sobre nós e o mundo. As cores podem representar diferentes fases da vida, enquanto o movimento das tintas simboliza a passagem do tempo e a mudança constante. No jogo entre o controle e o imponderável, com suas cores e movimentos, a aquarela representa a vida e a sua natureza fluida. Assim, o processo de aquarelar é muito sutil e delicado, tratando-se de uma arte voltada para o equilíbrio entre sombra e luz, fundo e superfície, instante e permanência, concentração e desapego. As possibilidades para entender essas implicações talvez sejam infinitas.

É interessante ressaltar que a aquarela inspirou também o cancionista brasileiro nas composições de Ary Barroso, *Aquarela do Brasil*, de 1939, e *Aquarela*, de Vinicius de Moraes e Toquinho, de 1983.

A música *Aquarela do Brasil* é um símbolo da identidade e da cultura nacional. Como as pinceladas de uma aquarela, a música exalta o país e suas riquezas, faz referências à história, à miscigenação racial e às belezas naturais da terra brasileira, com suas paisagens, ritmos, cores e diversidade cultural.

Do mesmo modo, a música *Aquarela* traz como tema a vida como uma aquarela, na sua passagem e finitude. Celebra a criação. Em uma folha de papel, cria-se um mundo de imaginação pela arte, assim como na vida. Viver é sonhar e criar, é valorizar cada momento com cores e alegria, como as pinceladas de uma aquarela, mesmo que tudo seja imprevisível, fugaz.

No contexto da criação, cada processo é como uma abertura ou uma chave, pela qual o artista nos permite descortinar mundos, manifestando e expressando a mensagem que pretende passar, seja um impacto visual, um questionamento, uma apreciação, ou um sentimento. Os apontamentos apresentados neste texto refletem o olhar de cada artista aquarelista diante do mundo e em seu tempo, e como eles percorrem diferentemente seus caminhos e seus modos na criação.

Nesse sentido, a aquarela transforma-se ao longo do tempo, reflete os modos de pensar e fazer artísticos em cada época e em cada momento, permite novos olhares e percepções sobre o mundo.

Ligia Czesnat tem Licenciatura e Bacharelado em História – Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em História – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Mestre de História aposentada do Departamento e História do Centro de Ciências Sociais (UFSC). Professora de História da Arte - Fundação Educacional de Brusque UNIFEBE - Brusque/SC.



Susana Lauck - detalhe de aquarela

ESCREVER É DEIXAR RASTROS, AQUARELAR DEIXA PONTOS DE VIDA

Clara Rovaris

Começemos por uma aproximação bem simples. Do mesmo modo que fazer uma aquarela, escrever demanda um olhar focado e sensível. Embora existam pessoas que o façam com mais facilidade e rapidez, outros com mais empenho e paciência, ainda assim, esses critérios precisam ser atendidos. Construir relações entre coisas que aparentemente não se tocam, encontrando nelas certas familiaridades, é tão difícil quanto encontrar as diferenças que as tornam únicas. Neste texto, procuro observar tanto as características que tornam algumas aquarelas muito singulares, como tento compreender certas vizinhanças. Sejam as diferenças, sejam as semelhanças, algumas vezes, elas destacam-se por meio das formas ou figurações, outras por meio de cores mais suaves ou explosivas, translúcidas ou mais carregadas na pigmentação. Seja qual caminho o artista escolha, cabe ressaltar que cada aquarela deixa pontos de vida de quem a fez. É assim que as aquarelas chamam atenção, tanto do crítico como do espectador, levando-nos a reconhecer o que se parece com uma caligrafia muito própria, uma vez que o gesto que fica retido no trabalho como um modo próprio de aquarelar, assim como o repertório de lembranças e vivências, percepções e preferências, é sempre único. Tais particularidades nem sempre são resultado de uma intenção ou esforço premeditado, muitas vezes acontecem de modo involuntário, sem que o próprio aquarelista saiba determinar os motivos daquela fatura ou poética, seja em termos de referências, seja em termos de processos. Eis como se encontram neste texto esses fazeres e saberes.

Estalos do carmim: Fernando

Quando a pintura deixa de assumir seu caráter meramente mimético e volta-se para os estudos com ênfase naquilo que lhe é próprio, em termos de fatura, suportes, técnicas, materiais e processos, permitindo ao artista a inclusão de elementos menos rígidos e mais investigativos, liberados da obrigação de se manter dentro de uma dada filiação ou tradição para compor os quadros, categorias de cor e forma autonomizam-se e são descoladas dos critérios mais realistas. Fernando Sant´Anna, engenheiro de formação, mergulha nas cores que retira de seu amado jardim. Olha as flores, percebe seus detalhes, busca nada mais que inspiração para seus afetos e expressão para capturar com intensidade aquilo que o chama. Assim, o aquarelista tímido permite que a alma se expanda nos avermelhados dramáticos, nas pétalas abstratas e nas finas aguadas que parecem criar uma outra dimensão que só ele acessa. Seus rouges tornam-se estalos de cor, parece que desejam se expandir e vazar do papel, esparramando-se pelas paredes.

Os segredos das pupilas: Zulma e Rocha

Quando observamos certo entorno e definimos o enquadramento de uma paisagem, geralmente somos abraçados pela dimensão, não apenas em termos de tamanho, mas também por tudo aquilo que vamos acolher desse lugar, selecionamos e valorizamos certos elementos e ignoramos ou dispensamos outros, de acordo com nosso repertório mnemônico, sensível, cultural, social, etc. Assim, ainda que compartilhem o olhar para uma mesma paisagem, Zulma e Rocha fazem escolhas e enquadramentos de modo bem distintos. Vejamos como isso ocorre.

Zulma, fundadora do ateliê Alvéolo, prefere elaborar suas paisagens no espaço dos seus livros feitos à mão. Suas percepções visuais tornam-se reduzidas como se fizesse uma calda de frutas, da qual procura extrair o máximo de sabor, ainda que em pequena porção. Dessa maneira, por meio de uma feitura habilidosa e precisa, formam-se manchas delicadas, as quais vai metamorfoseando conforme suas peculiaridades afetivas. Numa espécie de síntese do mundo exterior, acolhe um domingão de sol ou as flores de seu jardim, homenageia as cores e os lugares de algum pintor que admira, brinda sua imaginação com castelos, pontes e caminhos, povoando de pequenas joias o carrossel das páginas diminutas de seus livros de artista.

Por sua vez, Rocha, frequentador do ateliê Alvéolo desde seus tempos iniciais, prefere o caminho da percepção mais fidedigna. Articulando suas pesquisas artísticas com seu percurso acadêmico, no qual adquiriu elevado domínio técnico, seus olhos procuram os efeitos das cores nas nuvens e nas neblinas, nos morros e nas pedras. Em suas pinturas, a pedra é pedra, o morro é morro, seu mar tem ondas e reflexos, por vezes, praia. As manchas seguem o contorno das formas sem traí-las. Tal percepção parece brotar de um desejo de guardar a posição das coisas, registrar a luz de um dia específico, talvez manter para si a fidelidade de uma vivência que se esvai.

Pungências da sutileza: Glória e Ricardo

A autonomia é um objeto de desejo. Os aquarelistas desse item desejam alcançar um lugar diferente dos quais estão. Glória persegue a perspicácia dos pontos de cor e dos bordados. Enquanto Ricardo quer viajar para outra dimensão, flutuar em direção a uma galáxia distante e inalcançável.

Glória pensa nas flores, nos pontos do bordado, nas fitas que ampliam a delicadeza serpentina de seus livros. Seu desejo manifesta-se na ambição pela sutileza de uma miniaturista, espécie de joalheria que confere aos detalhes uma força em si. A linha que corre o tecido, que costura diversas rotas dentro da página, as árvores liliputianas, as flores e folhas diminutas, tudo funciona no formato onde as coisas demoram para serem olhadas.

Ricardo pensa na ficção como caminho para governar-se. O astronauta que flutua na galáxia colorida e pujante segue um caminho inédito, indecifrável, no qual não se sabe se ele está caindo, se está apenas plainando ou se sobe. O artista remete a uma espécie de fuga da realidade, evasão e aventura, metáfora para sua própria busca pela liberdade dos temas e suportes, das escolhas e inquietações para conseguir encontrar seu próprio caminho.

Encantamentos: Osmar e Bellini

Osmar, ailurofílico confesso, observa atentamente as rotinas felinas, posições e brincadeiras, instintos e afetos. De ascendência chinesa, esse aquarelista é dono de um par de retinas criteriosas e discretas, nada nele parece excessivo. Pinta seus corpos com domínio técnico, mas também os observa com ternura. Parecendo ser correspondido, deixa um rastro de si nos olhos de seus modelos, traduzindo-os com sinceridade e confiança. A jovem fêmea protege o filhote embaixo de seu corpo, seus olhos encontram-se e conversam conosco, depondo sobre a chegada desse novo ser. Desse modo, sua disciplina de anos de estudo e prática amorosa fazem com que aquilo que contempla nos felinos, como, por exemplo, suas formas corporais elegantes e sua natureza graciosa, pareça-se com um poema haikai, onde resplandece o essencial, capturado num instante de brevidade com grande concisão.

Bellini, engenheiro de formação, trilha o caminho do encantamento pela configuração das paisagens. Seu olhar captura com cuidado e atenção as construções e suas sombras, os detalhes de seu entorno e a claridade solar, percorre com zelo a perspectiva, é fiel à geometria, mantendo equilíbrio nas escalas e camadas. Percebe a luz com calma, até encontrar a luminosidade da cena-paisagem que deseja aquarelar. Se um dia aprendeu que os olhos são a janela da alma, o que parece reter no seu trabalho é o desejo de ser fiel a um enquadramento que o seduz, sem perder a sinceridade cativante que o relaciona a um lugar vivido numa viagem, a um certo domingo de sol ou a uma atmosfera fresca e colorida.

Por fim, os rastros

Walter Benjamin relata que escrever é deixar rastros. A pintura é um rastro da vida do artista, as decisões que procura tomar, considerando sua paleta e temática, e resulta numa espécie de assinatura que pode ser visualizada por meio de suas pinceladas. Os vestígios de cada um dos aquarelistas aqui mencionados silenciam as lides de sua vida cotidiana, as agruras de sua privacidade, sem, contudo, deixar de mostrar o que percebem e valorizam, amam e desejam reter. Cada camada ou traçado de cor é um mundo a ganhar vida própria, que sobrevive e constrói existências pictóricas distintas.

Clara Rovaris é estudante de Artes Visuais na UDESC. Atua como artista e curadora independente, tendo exposto em instituições, como o Museu Victor Meirelles e a Galeria de Arte Willy Zumblick. Como curadora, vem desenvolvendo exposições na Galeria Momento.



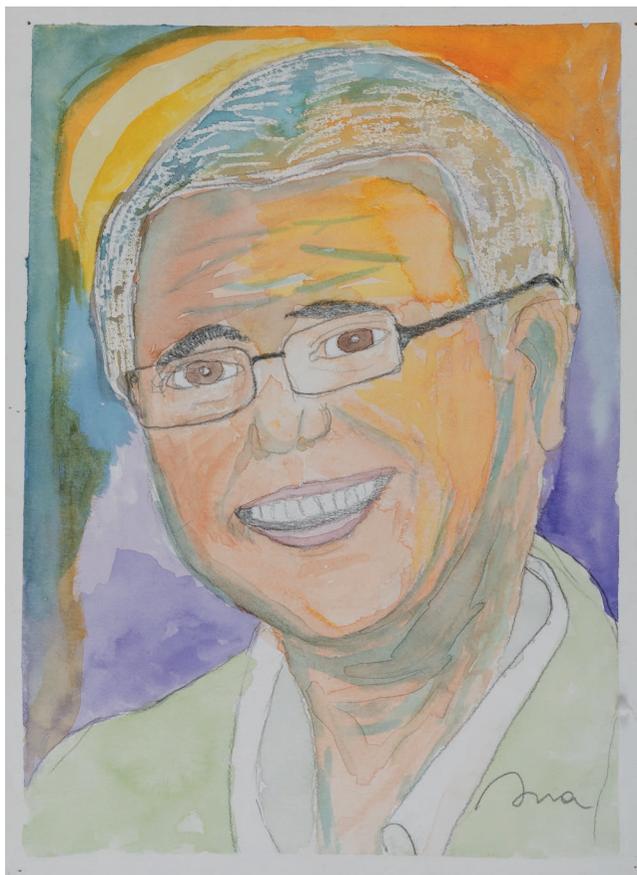
Isa Simões - detalhe de aquarela

ANA MARIA ALVES DE SOUZA

Tessituras do Inconsciente

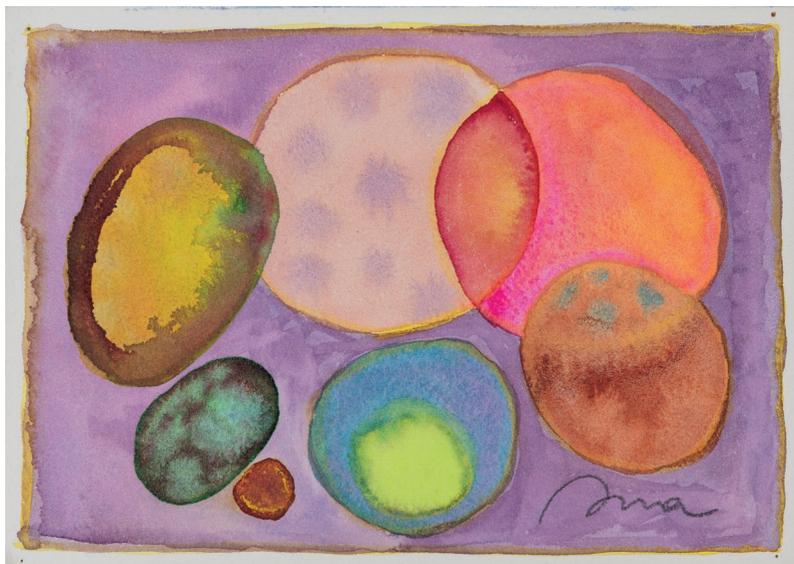
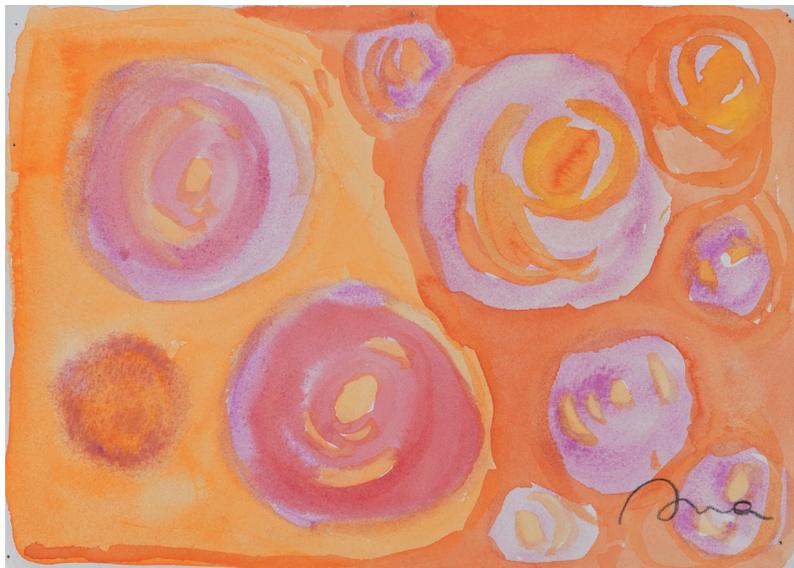
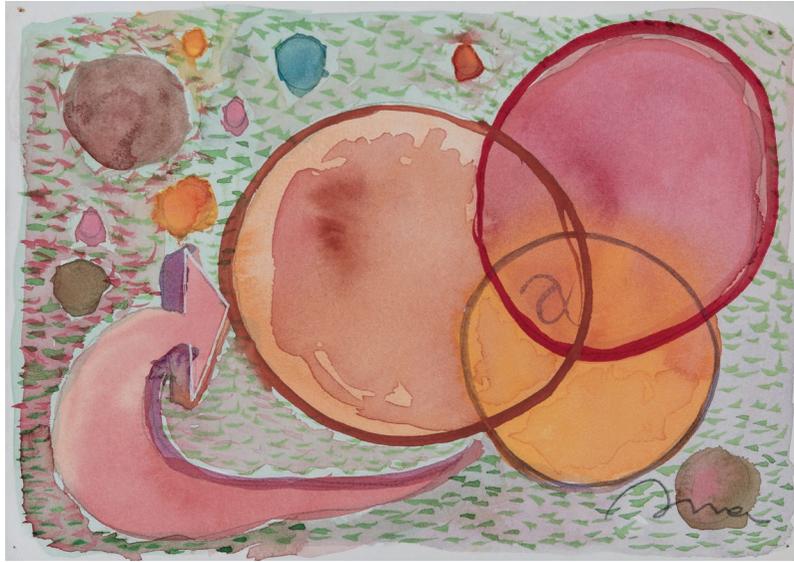
Instalação com aquarelas compondo partes de duas séries: *Retratos como Marcas da Psicanálise* e *Abstratas como Circuitos Pulsionais*. Todas as aquarelas estão sobre painel de isopor forrado com tecido de montaria preto, envolto com uma teia de fios. Medida 175 x 80 cm; anos 2021 a 2024.

Ana Maria é professora de Artes Visuais na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, supervisora do PIBID Artes Visuais na EBM João Alfredo Rohr através do Centro de Artes da UDESC (2024-2026). Tem mestrados em Literatura (2011) e Antropologia Social (2003), ambos pela UFSC, sócia efetiva da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Pratica aquarela no Ateliê Alvéolo desde 2017. Tem formação em psicanálise de orientação lacaniana, pelo ICPOL-SC (2024), participa da Comissão de Biblioteca da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) Seção Sul, na gestão 2025-2027. Interessa-se atualmente pela poética do traço único do pincel, mencionado por Lacan, no Seminário 14, e seus desdobramentos na tessitura do inconsciente.









AUDREY LAUS

Vislumbres Oníricos

A série apresenta aquarelas acompanhadas por contornos e complementos de nanquim, emolduradas com passe-partout. Medidas variáveis entre 38,7 x 27 cm e 48 x 35 cm; ano 2025.

Audrey é assessora jurídica e trabalhou em vara federal ambiental. Iniciou seus estudos em aquarela em 2018 no Ateliê Alvéolo, prosseguindo com técnicas mistas. No seu processo artístico, vem aprofundando-se nos conceitos de tempo e memória. Suas aquarelas apresentam figurações híbridas entre sonho e ficção, animais e vegetais.





Haus
2024





CARLA CORINA

Delicadezas do Jardim

Conjunto de aquarelas colocadas em envelope de acrílico. Medidas variáveis entre 14,5 x 10,5 cm e 21 x 17 cm; anos 2023 e 2024.

Carla é musicista e engenheira de petróleo. Baiana, residente em Florianópolis desde 2020, morou na casa de Zulma Borges, onde conheceu e se encantou por suas aquarelas, iniciando uma formação de aquarelista no Ateliê Alvéolo em 2023. Observadora sensível de transparências e vidros, segue atenta à leveza figurativa dos arranjos florais, além de objetos cotidianos nos quais procura exercitar um olhar de delicadeza.





Cora
2024





CECÍLIA CALDINI

Rótulos e Relatos

Conjunto de aquarelas e colagens sobre suporte de cortiça. Medidas variáveis entre 16 x 19,5 cm e 20 x 24 cm, recebendo o título do vinho cujo rótulo foi colado, como: Pena Vermelha, Carta Vieja e La Escondida; anos 2023 e 2024.

Cecília é paulista, mora em Florianópolis desde 1987. Iniciou seus estudos de aquarela na Inglaterra com Mr. Hugh Ecob em 1981. Com formação em Pedagogia e dois anos na Faculdade de Artes Plásticas na FAAP-SP, começou a ter aulas com Zulma Borges em 1995 e seguiu frequentando o Ateliê Alvéolo. Seu trabalho tem caráter experimental, apresentando gosto pelas colagens, nas quais encontra satisfação e humor, tal como no caso das aquarelas com colagens de rótulos de vinho, observando que o rótulo é um desafio para a imaginação, e o relato nasce como uma resposta dada pela aquarela. Assim, vida e arte erguem taças para um brinde.





BENJAMIN

CHARDONNAY

ARGENTINA

2021

11,9 % vol

750 ml

20139951

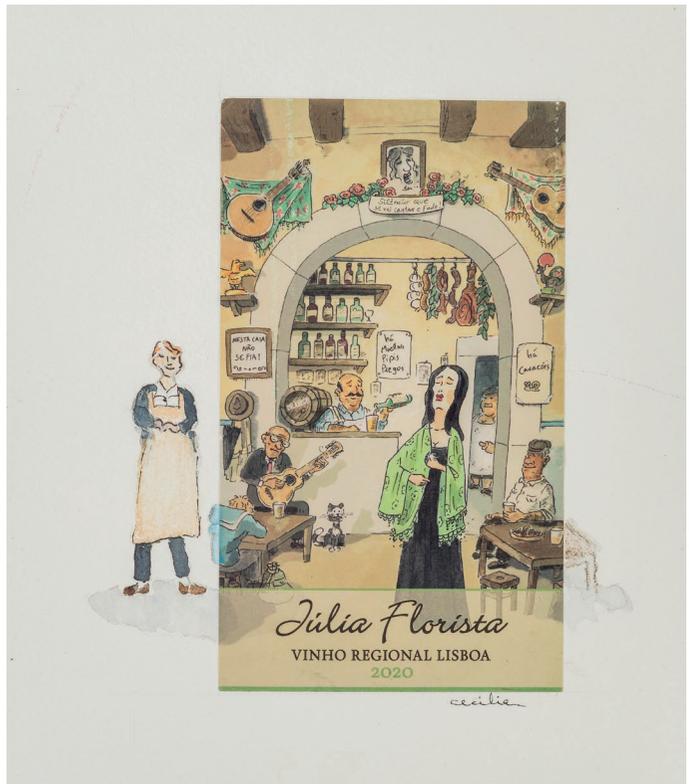
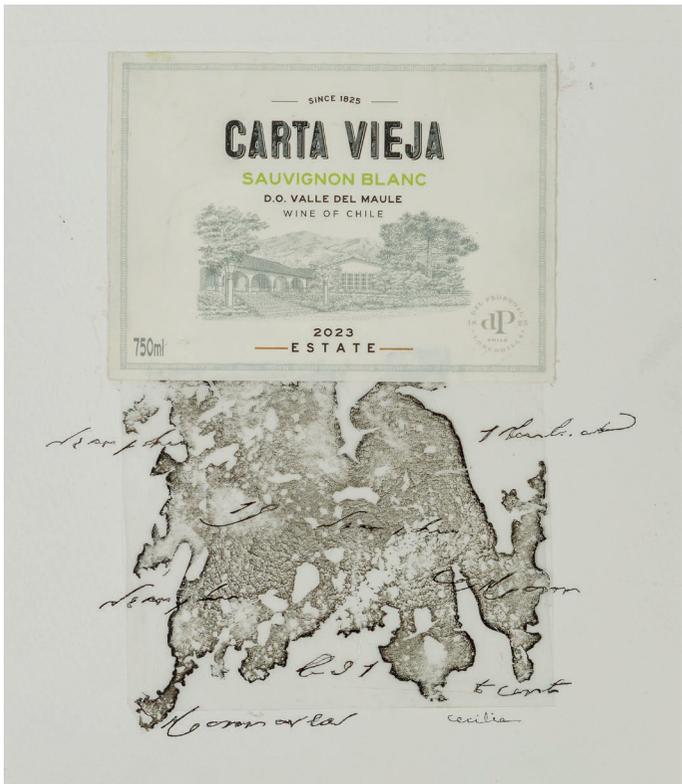
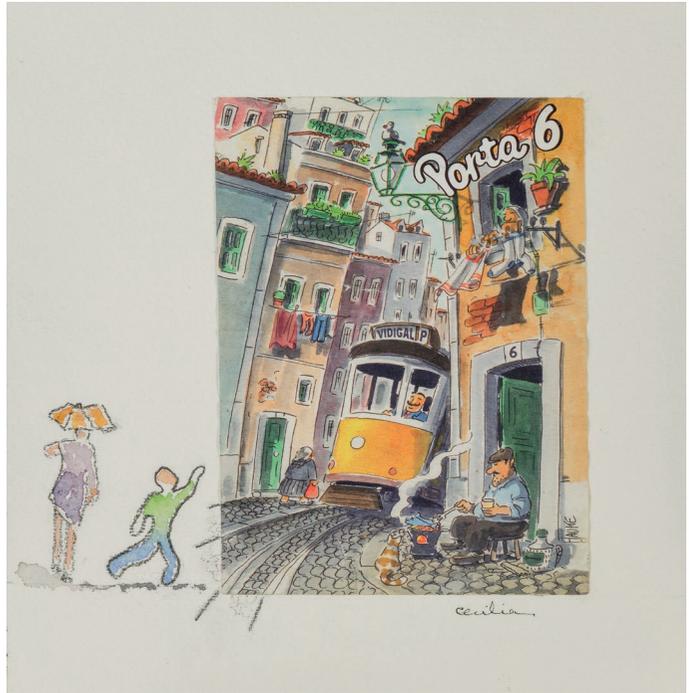
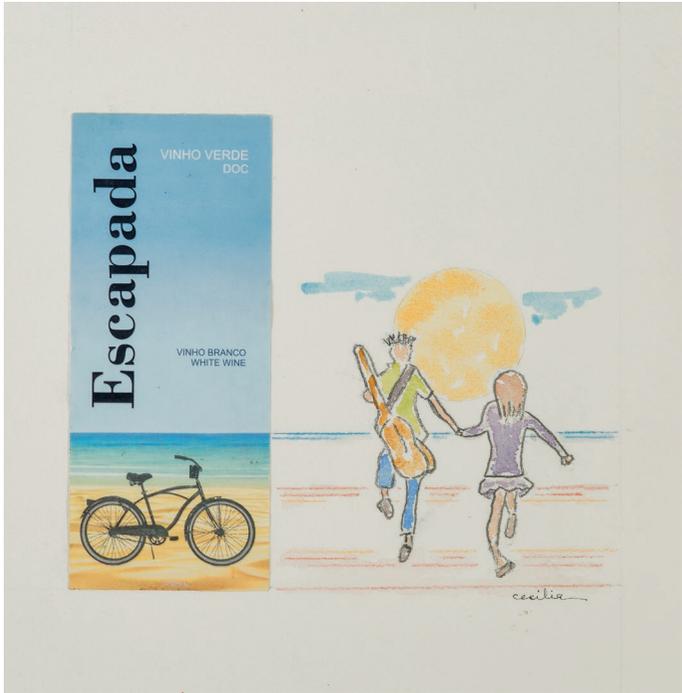


NIETO SENETINER

DESDE 1888



cecilia





ELEONOR CONILL

Jardins, Terra e Mar

Instalação composta por duas aquarelas emolduradas, além de um banco com maleta de madeira, onde se encontram um rolo de etiquetas com miniaquarelas e um conjunto com outras aquarelas maiores inspiradas em diversos jardins; ano 2016.

Eleonor é médica, professora aposentada do CCS/UFSC. Durante a pós-graduação, frequentou cursos de desenho na Universidade de Montréal, mas a aproximação com a aquarela ocorreu num curso de extensão na UDESC. Deu continuidade a essa linguagem com Sharon Finmark em Londres (2003) e em diversos ateliês (DAC-UFSC, CIC, Cor Galeria de Arte, Alvéolo). Cenas de viagens e do cotidiano são fontes de inspiração, pois esse tipo de pintura permite-lhe registrar percepções, como já o faziam os antigos artistas viajantes. Também é mergulhadora e apreciadora de paisagens marítimas e de jardins. Num determinado momento, passou a usar papéis de prova de tintas deixados por outros artistas do Ateliê Alvéolo, criando a partir de manchas que a levam a imaginar formas e vivências do seu entorno.





Cores escritas





FERNANDO SANT'ANNA

A Natureza Apaixonante das Matizes Encarnadas

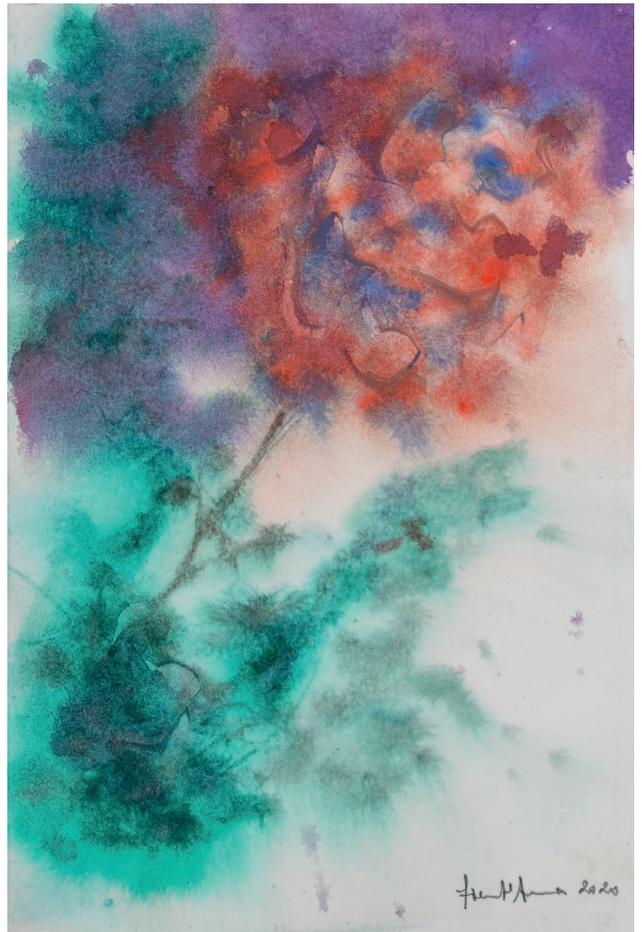
Conjunto de aquarelas fixadas sobre painel vermelho marsala. Medidas variáveis entre 24 x 16,5 cm e 40 x 30 cm; anos 2018 a 2024.

Fernando é professor aposentado do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental na UFSC. Exerceu a função de coordenador de gestão ambiental junto à UFSC. Teve seus primeiros contatos com a aquarela em Rennes, França, em 1994. Com habilidade para desenho técnico, aprendeu a deixar que suas emoções interfiram em suas aquarelas, destacando-se figurações impremeditadas da natureza, notadamente paisagens e flores, com recurso de pinceladas ágeis e manchas.









GLORIA GIL

Filigranas Oníricas

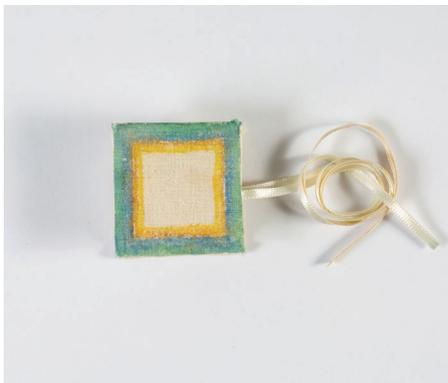
Instalação composta por aquarelas emolduradas e uma bandeja de vidro espelhado sobre pedestal contendo cinco minilivros com capas de tecido bordadas, cujas pequenas páginas possuem pintura em aquarela; ano 2023.

Gloria é licenciada em Letras-Inglês pela Universidad Nacional de La Plata (UNLP) Argentina, Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora aposentada do curso de Letras-Inglês da UFSC, começou a pintar com aquarela de forma autodidata em 2012, juntando-se aos aquarelistas do Ateliê Alvéolo em 2019. Filha de mãe artista e de pai amante da natureza, prioriza padrões decorativos, sobretudo vegetais, e valoriza formas pequenas. Nos seus trabalhos mais recentes, vem juntando bordado e aquarela com a intenção de explorar suas relações complementares.







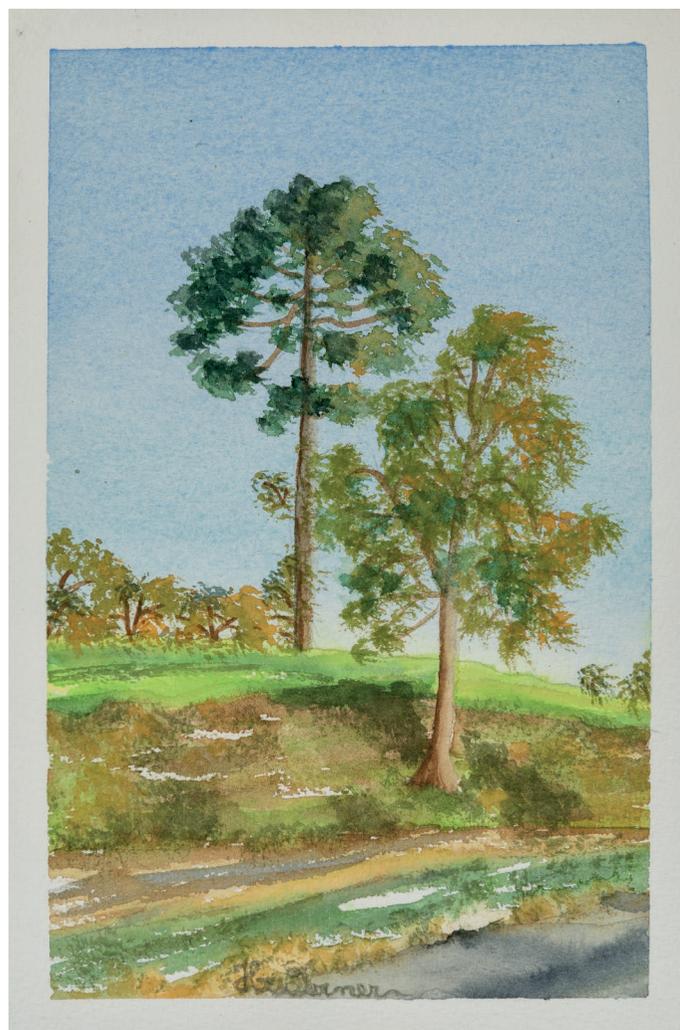
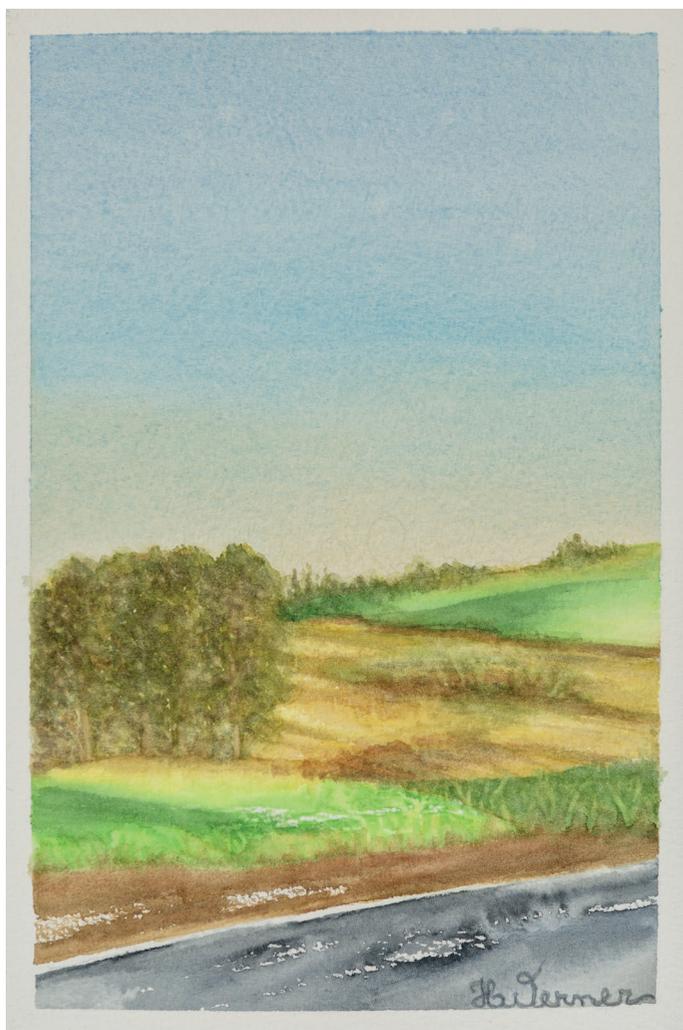


HELENA WERNER

Descrições Aquareladas

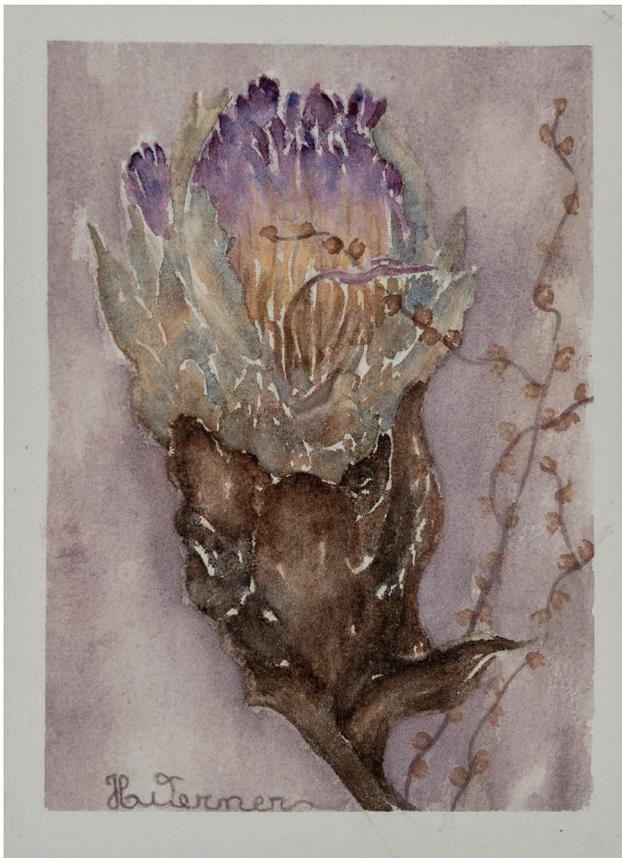
Conjunto de aquarelas. Medidas variáveis entre 16 x 12 cm e 25,4 x 20 cm; anos entre 2020 e 2024.

Helena possui formação em Letras, é professora aposentada de Língua Portuguesa nos ensinos fundamental e médio. Aquarelista e gravurista com ênfase na contemplação de flores e pássaros, além de ângulos singulares das paisagens de serra e mar. Sua poética vem das memórias afetivas e do seu entorno, valoriza a liberdade investigativa e procura cultivar a sensibilidade e a delicadeza como prática cotidiana.









ISA SIMÕES

Barcos e Casarios

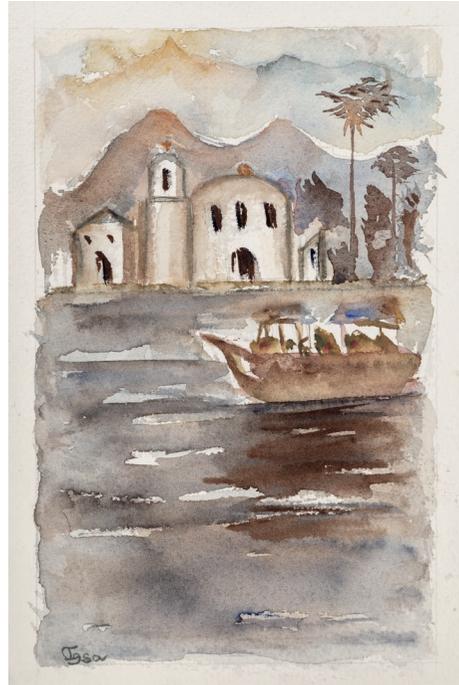
Conjunto de aquarelas, colocadas em envelope de acetato. Medidas variáveis entre 12,2 x 13,9 cm e 24 x 31,5 cm; anos entre 2017 e 2024.

Isa é bióloga, nascida em Altinópolis/SP, seguiu sua paixão pelas artes plásticas iniciada na adolescência. Estudou desenho, gravura, pintura e aquarela em Barcelona, com a artista Montserrat Ramoneda Porta. Desde 2015, integra o Ateliê Alvéolo. Na tentativa de preservar a memória e a cultura de comunidades costeiras, valoriza o tema dos barcos e casarios, por meio do qual expressa e celebra a essência da relação entre o homem e o mar, numa visão que procura traduzir o mundo das cores iluminadas pelo sol. Suas cores vibrantes sugerem uma interação entre movimento e repouso, fazendo de suas aquarelas um convite para vivenciar a intensidade da vida litorânea. Barcos simbolizam aventura, liberdade e retorno, enquanto casarios representam solidez, herança e permanência.





1954





JOSÉ ANTONIO BELLINI

Paisagens

Conjunto de aquarelas emolduradas com *passe-partout*. Medidas variáveis entre: 22 x 29 cm e 26 x 37 cm; anos entre 2014 e 2018.

Bellini é engenheiro mecânico e professor universitário. Pratica a aquarela desde 2010, com cursos de curta duração com os professores J.M. Dias da Cruz, Kelly Kreis, Ari de Goes Jr. Participa do Ateliê Alvéolo desde 2015 e do movimento *Urban Sketchers* desde 2016. Possui participação em diversas exposições coletivas, e seus temas mais frequentes são paisagens, urbanas e campestres, além de trabalhos de observação no Ateliê Alvéolo. Aquarelista bastante focado e detalhista, sua precisão e minúcia o levam a buscar uma sinceridade visual que inclui uma sutil geometria, mas mantendo atenção à luminosidade e ao uso equilibrado de cores.







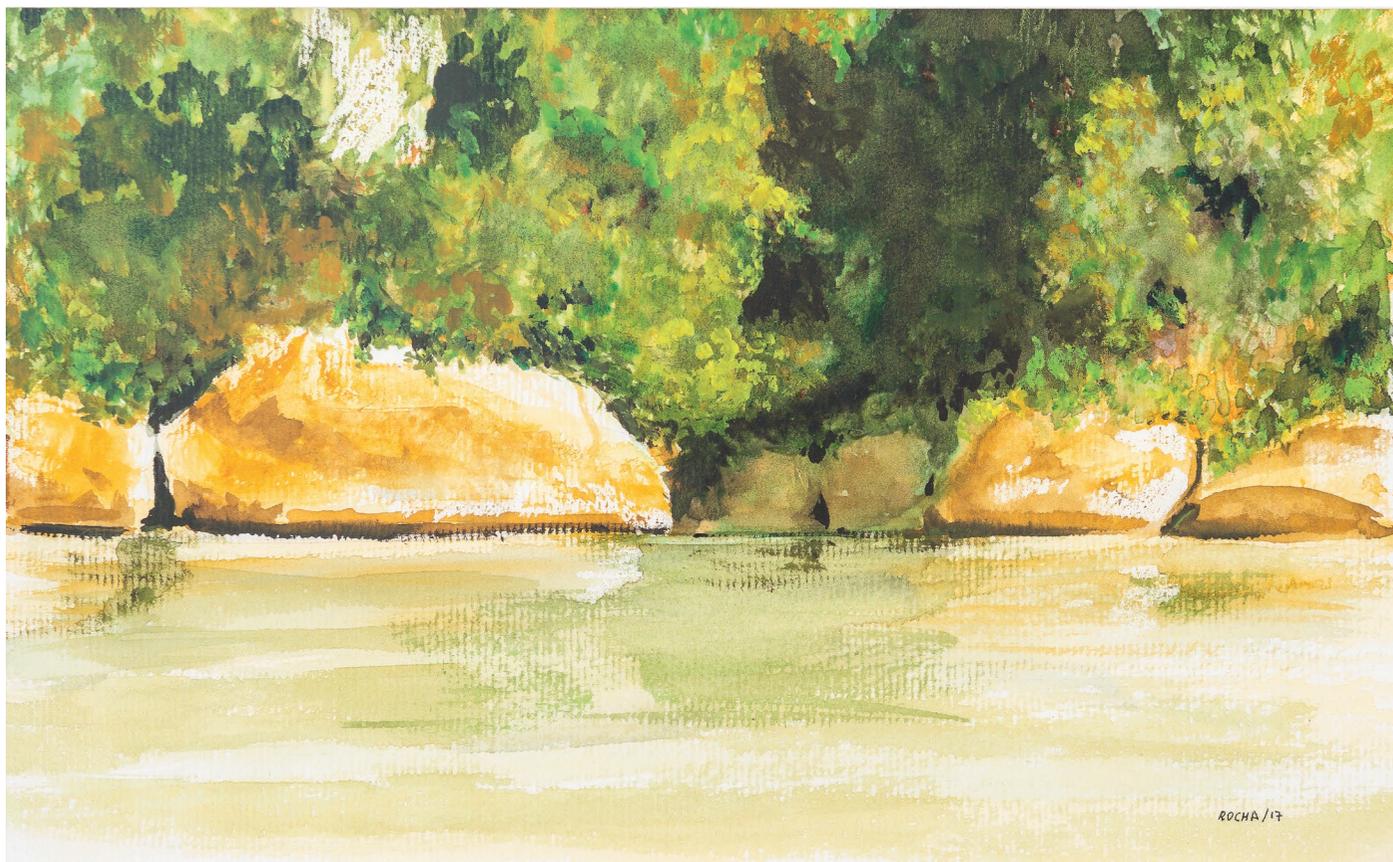


JOSÉ CARLOS DA ROCHA

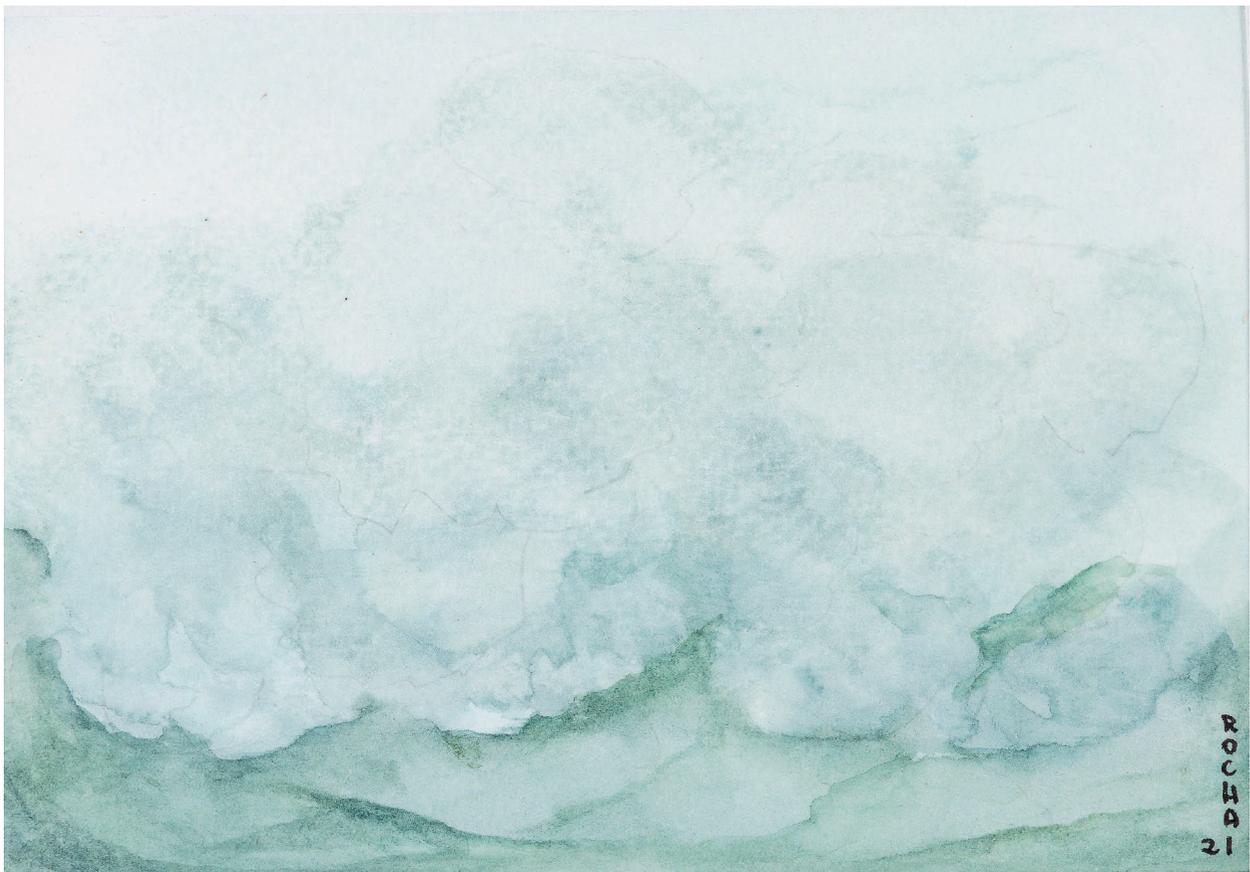
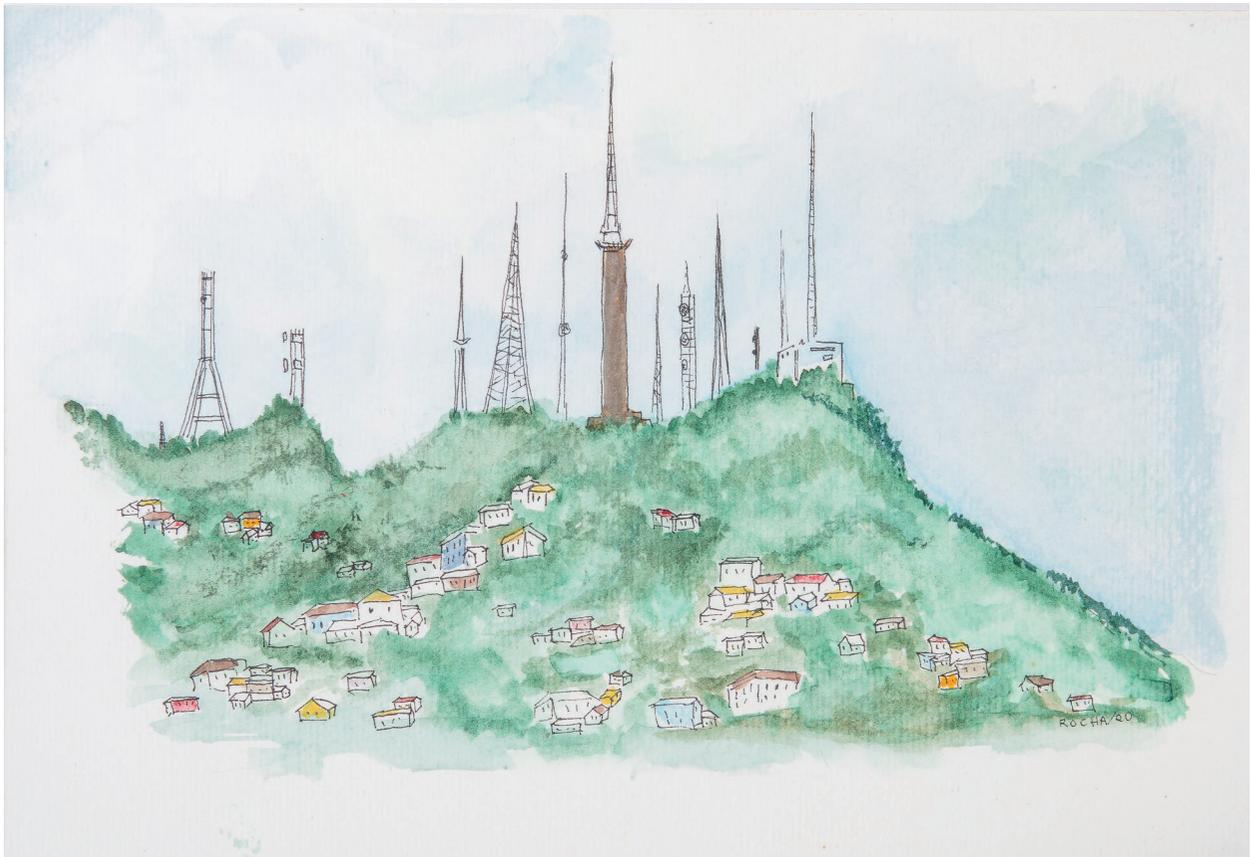
Paisagens Vivenciadas

Conjunto de aquarelas emolduradas com *passe-partout*. Medidas variáveis entre 22 x 31 cm e 37 x 52 cm; anos entre 2017 e 2024.

Rocha é economista formado pela UFSC e exerceu essa profissão até aposentar-se na Eletrosul. Em seguida, deu início à sua formação artística, percorrendo uma trajetória que seguiu da graduação ao doutorado em Artes Visuais na linha do Ensino na UDESC, onde desenvolveu dispositivos didático-pedagógicos relacionados à experiência e aprendizado das cores. Iniciou suas primeiras práticas com aquarela no Ateliê Alvéolo em 2014, encontrando nessa modalidade um valioso recurso para sua expressão cromática. Desenhista e pintor, possui preferência por temáticas como paisagens, retratos e cenas do cotidiano.









JULIANA BERNARDI

Viagens pelos Biomas Brasileiros

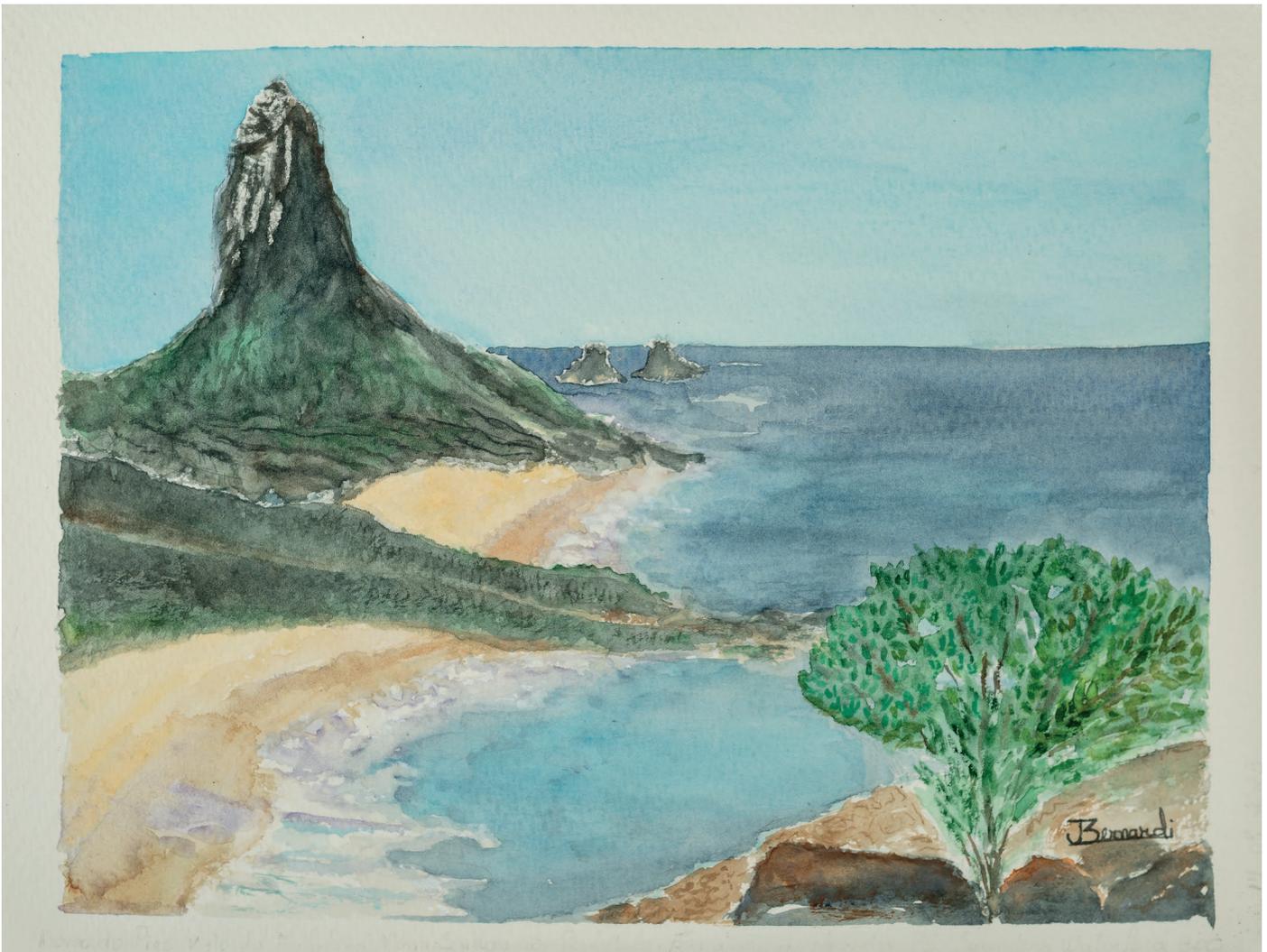
Instalação composta por aquarelas sobre a mesa, áudio e vídeo legendado, contextualizando a escolha do tema e do processo criativo da artista, a partir de viagens realizadas pelos biomas Mata Atlântica, Pantanal, Marinho Costeiro e biomas de contato Mata Atlântica/Cerrado. Trata-se de um conjunto de aquarelas, destacando-se as variações de cores, luminosidade e formas de alguns elementos dos biomas brasileiros. Medidas variáveis entre 24 x 30 cm e 24 x 32 cm; anos entre 2021 e 2024.

Juliana é engenheira agrônoma, professora aposentada do curso de Agronomia e programas de pós-graduação da UFSC. Nessa Universidade, atuou durante 30 anos no ensino e no desenvolvimento de pesquisas relacionadas à biodiversidade e sua conservação. Sua trajetória artística passa pela música instrumental, cerâmica e pintura na técnica da aquarela. Ingressou no Ateliê Alvéolo em 2019, onde segue focada nas pinturas que incluem a biodiversidade dos biomas brasileiros como tema principal, destacando as belezas das paisagens e dos demais elementos da natureza. As referências das obras para este catálogo foram construídas por meio de fotos e vídeos autorais. As obras representam uma declaração de amor e respeito ao meio ambiente e à biodiversidade brasileira como estratégia de incentivo à conservação dos recursos naturais, das tradições e da cultura de diferentes regiões.





Bernardi





LIGIA CZESNAT

Pássaros

A série apresenta aquarelas colocadas em envelope de acrílico. Medida 28 x 24 cm; ano 2024.

Ligia é professora aposentada do curso de História na UFSC. Estudou desenho e pintura em diversos momentos da vida. Recentemente, retomou a prática de aquarela com gosto pelas figurações delicadas e coloridos suaves de flores, pássaros e barcos.





Lauren Byers
07/2024



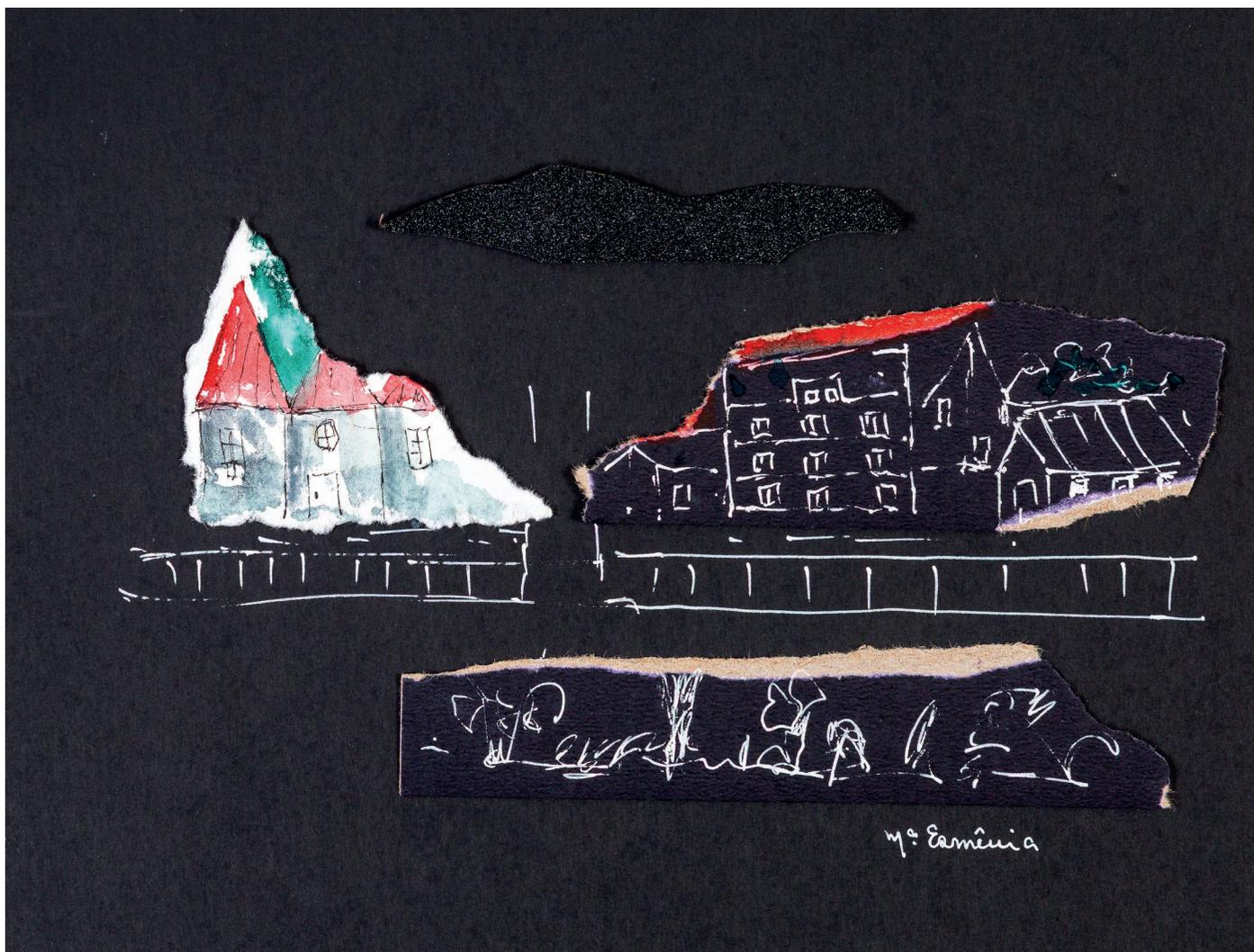


MARIA ESMÊNIA

Uma Casa para José

Instalação composta por aquarelas e colagens. Medida aproximada do conjunto 100 x 110 cm; ano 2023.

Esmênia é artista visual, nascida em Lages (SC) e residente em Florianópolis (SC). Estudante das artes desde os anos 90, quando se aposentou como professora da UFSC. Aquarelista com variadas temáticas e experimentações, sensível às causas sociais, processos afetivos e mnemônicos. Suas obras apresentam diferentes linguagens e hibridismos, incluem instalações, desenhos, colagens e aquarelas. Dentre elas, destaca-se a pesquisa iniciada em 2017, que se desdobrou em várias séries, a partir da casa como sonho de um morador em situação de rua, a quem deu o nome fictício de José, considerando suas expectativas de moradia, alimentação e sono. Possui participação em exposições individuais e coletivas.







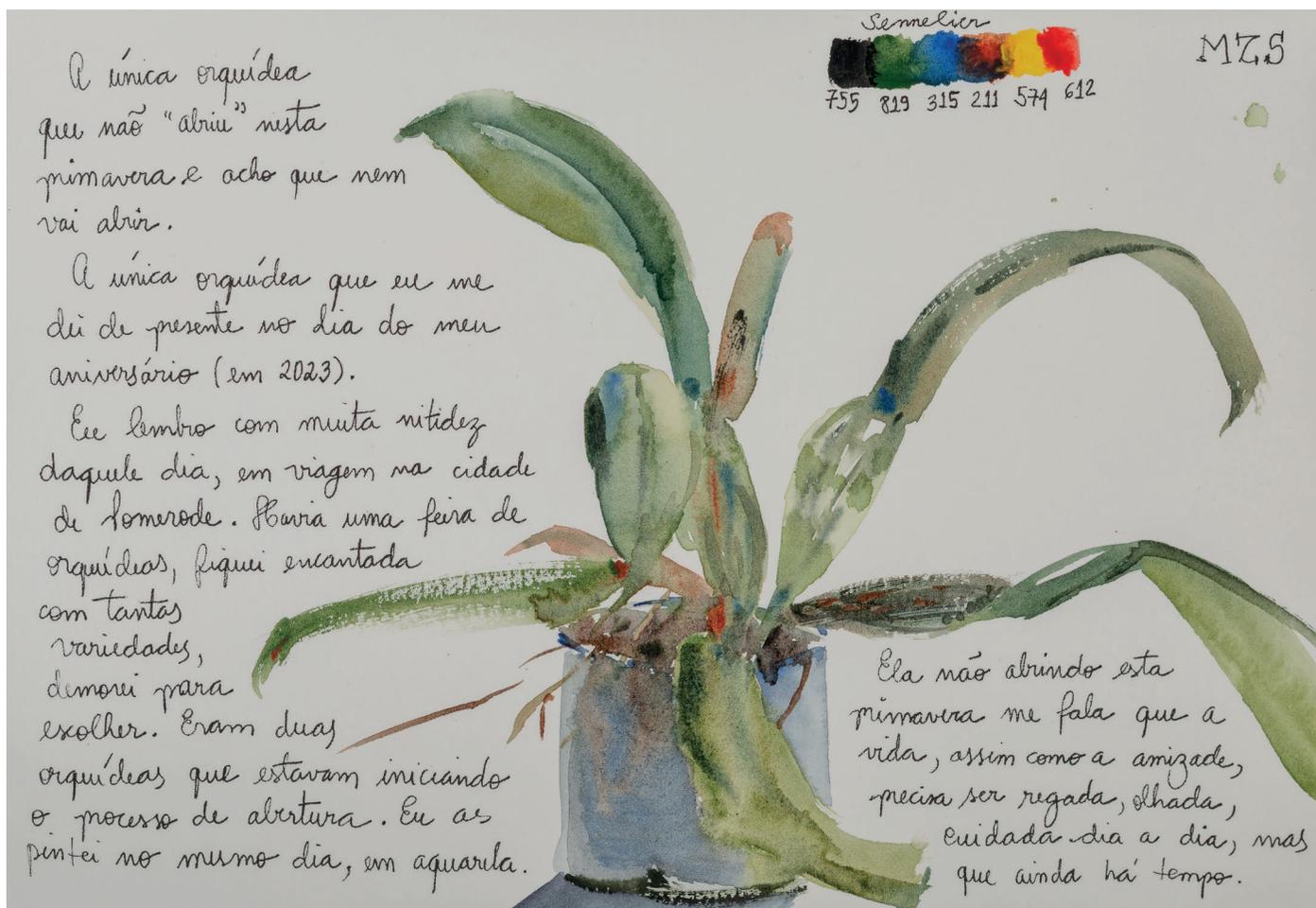


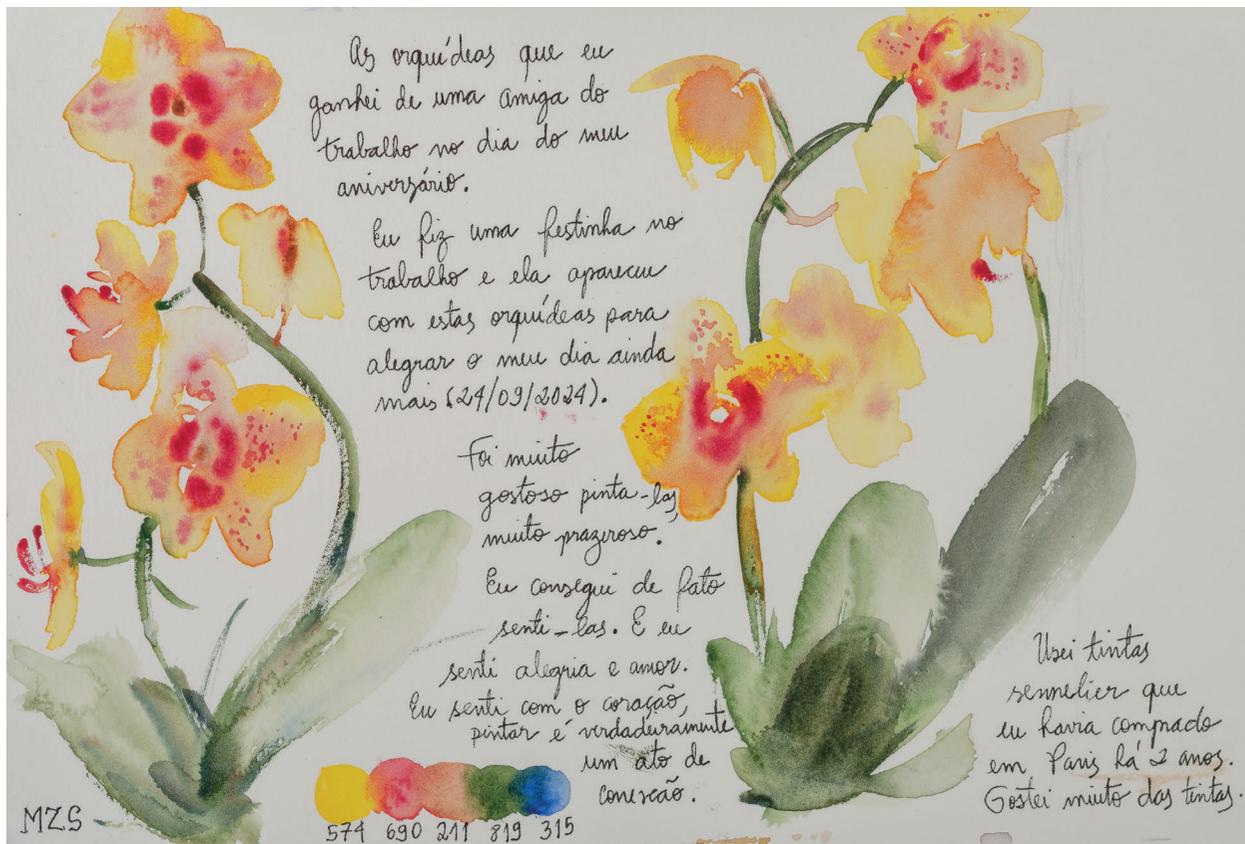
MICHELLI ZIMMERMANN SOUZA

Aniversários

A série apresenta aquarelas colocadas em envelopes de acrílico. Medida 21 x 31 cm; ano 2024.

Michelli é servidora pública estadual com graduação em Administração de Empresas. Interessada em artes, começou a praticar o desenho em 2010. Quando conheceu a aquarela, apaixonou-se, parando apenas para maternar. Retornou em 2016, quando conheceu o Ateliê Alvéolo, retomando também a formação com desenho nessa mesma época, participando de atividades em *plein air*, *workshops* e aulas particulares de aquarela. Na pandemia, intensificou sua prática e realizou vários cursos *on-line*, retornando, depois da pandemia, para o Ateliê Alvéolo. Apresenta interesse em registrar memórias pessoais, capturando e processando sua carga emocional e sensível. O interesse biográfico permite inserir registros cotidianos, sobre os quais incidem tanto elementos confessionais, como uma percepção aguçada sobre o contexto e a sensação colorante.







Estas orquídeas eu ganhei faz uns anos
de uma "Chefe" no dia do meu aniversário. E todo
ano ela me pergunta se eu ainda tenho-as.

São pequenas e inúmeras, a cada ^{uma} mais numerosas.

Depois de pintá-las contei umas 30 abótes e
umas 30 para abrir.

Elas me trazem força,
perseverança e união.

Elas me dizem que juntas
somos mais fortes.

Elas me falam sobre a fertilidade
e a delicadeza feminina.

Elas me dizem que muitas vezes precisamos
sair da ordem e errar, andar, caminhar

em direção ao que
nos verdadeiramente
nutre.

211 642 574 690 315 819



Semelicer

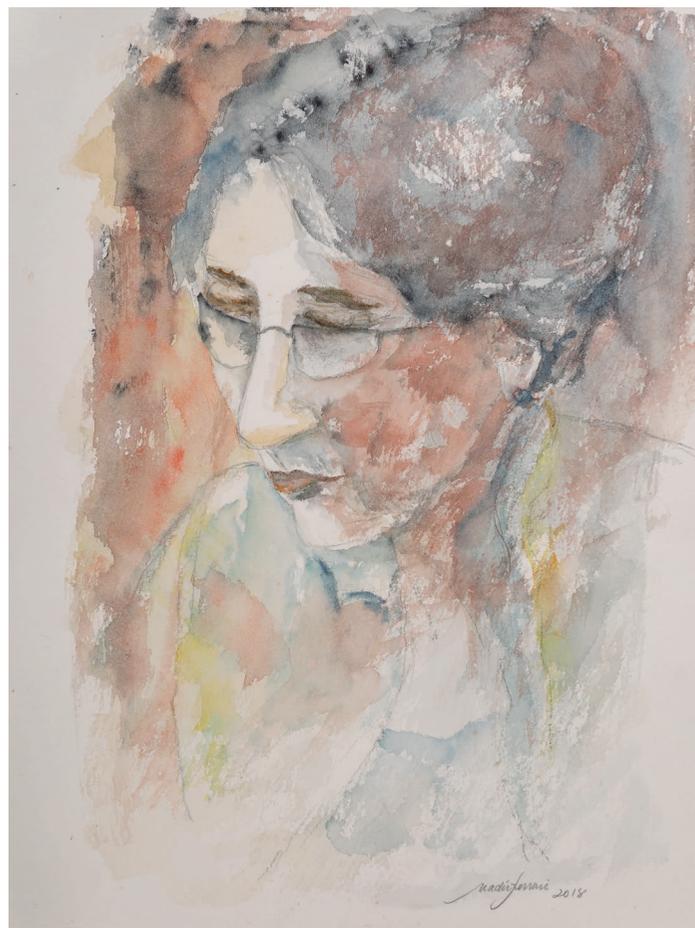
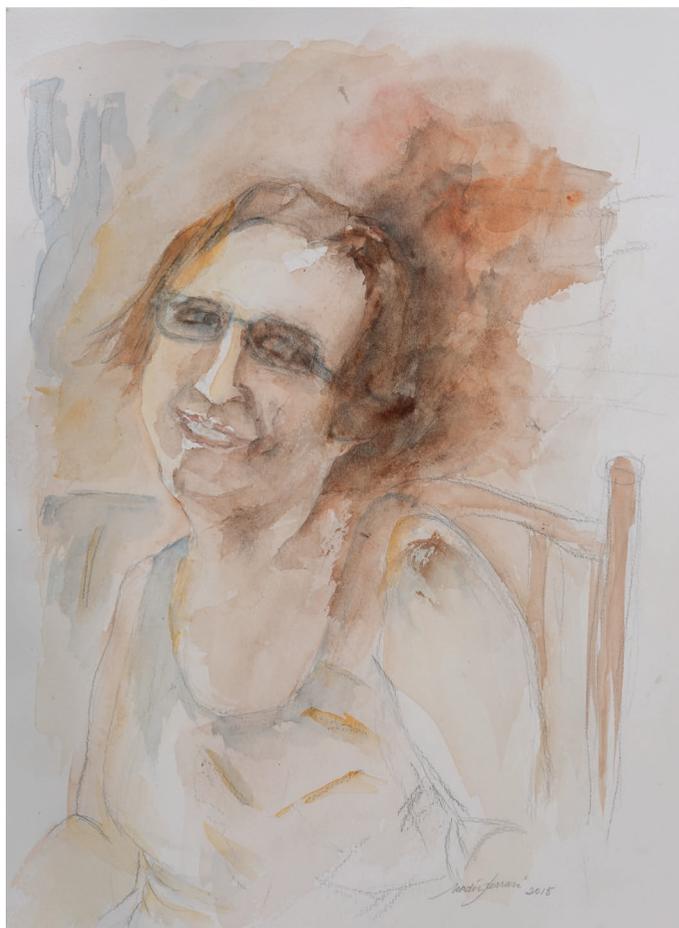


NADIR FERRARI

Paisagens e Rostos

Instalação composta por aquarelas, colocadas numa relação de frente e verso, em cinco caixas de acrílico suspensas como móbile. Medidas variáveis entre 24 x 32 cm e 42 cm x 30 cm; anos entre 2018 e 2022.

Nadir é professora aposentada da UFSC, onde atuou na área de Genética e da Educação Científica como docente de vários cursos em áreas da saúde, biológicas e humanas, inclusive no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Desenhista, pintora de aquarelas e sumi-ê, realiza trabalhos de observação e memória com preferência pelas obras realizadas num processo serial. Pertence a uma tradição técnica e figurativa, cuja prática também inclui uma educação para o cultivo da atenção, concentração e persistência, bem como uma aceitação do efêmero e do fugaz, através dos quais manifestam-se os efeitos luminosos, a leveza e a sutileza.









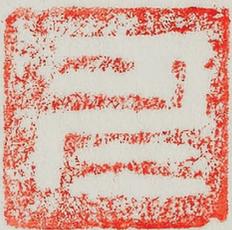
OSMAR YANG

Olhares (sobre os) felinos

Instalação com aquarelas presas por grampos, como se fossem postais expostos, da série *Ailurofilia (amor aos felinos)*. Medida de cada postal 10 x 15 cm; anos entre 2017 e 2025.

Osmar é nascido em Santa Rosa/RS. Engenheiro eletricitista de profissão, é também artista plástico graduado em 2013 pelo curso de Artes Visuais da UDESC. Foi autodidata até os anos 80, quando passou a frequentar o curso da pintora Ida Hannemann de Campos na Galeria Cocaco em Curitiba. Participou de 2014 a 2017 do grupo de pesquisa Apotheke, coordenado pela professora Jocielle Lampert (UDESC). Em 2015, começou a participar do Ateliê Alvéolo e do grupo *Urban Sketchers* de Florianópolis. Leitor que valoriza a filosofia da linguagem e a semiótica, apresenta interesse em alcançar a especificidade das coisas do mundo por meio da aquarela, destacando as propriedades ou os padrões que as constituem. Igualmente, procura ampliar suas sensibilidades e percepções sobre as sutilezas e profundidades da natureza humana, suas ou as alheias, por meio das pinturas em aquarela.







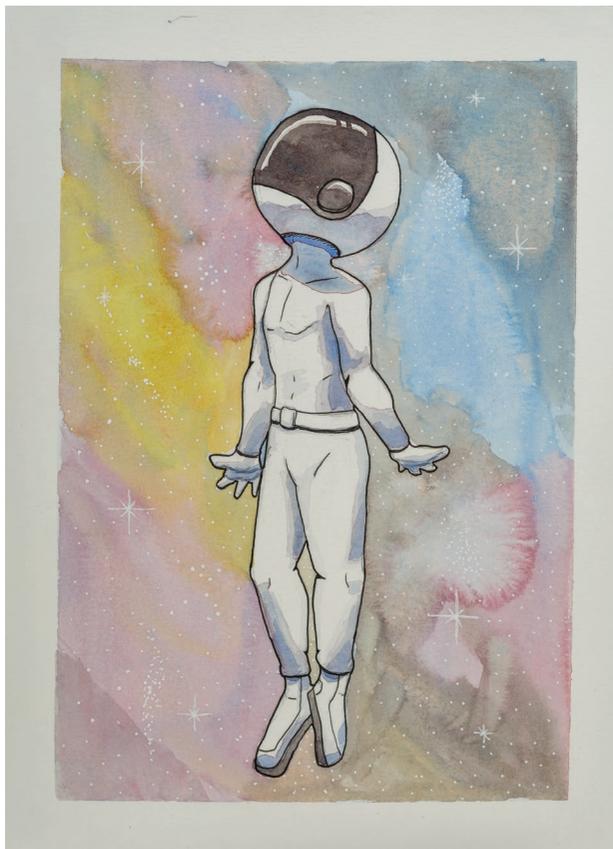


RICARDO DO ROSÁRIO

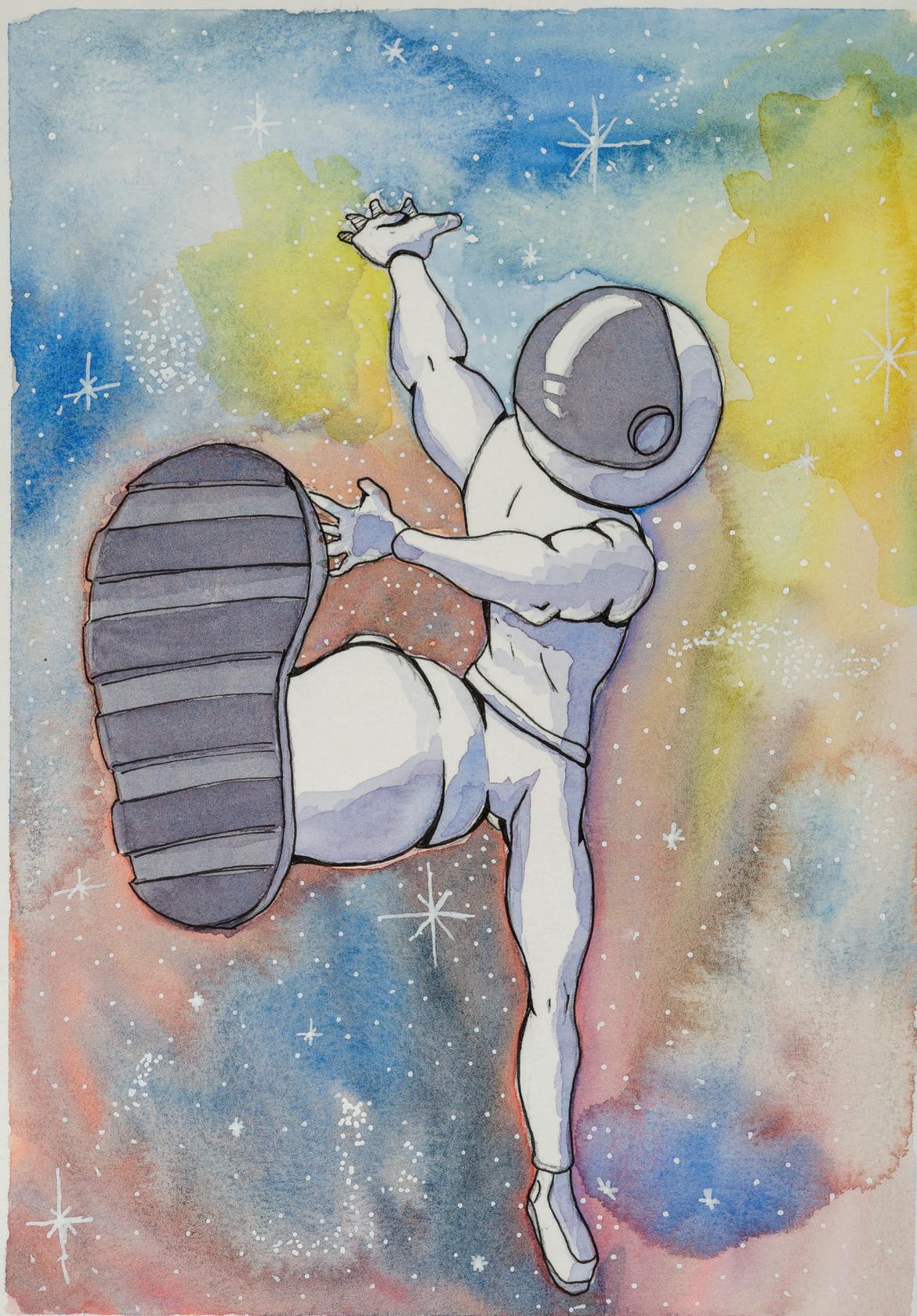
Infinitamente Leve

Conjunto de aquarelas, cada uma medindo 21 x 30 cm, combinadas com giz pastel seco, nanquim e caneta posca (tinta diluída em água), distribuídas sobre um rolo de papel arroz, suspenso do alto da parede até o chão; ano 2025.

Ricardo é artista visual, nasceu em Joinville/SC e reside em Florianópolis/SC. Pós-graduado em Arte e Educação, é membro da Associação Catarinense de Artistas Plásticos (ACAP), membro do Ateliê Alvéolo (com Zulma Borges) e ex-mentorado da artista Meg Tomio Roussenq. Já foi premiado nacional e internacionalmente, além de ter participado de salões, feiras e revistas, mostras e exposições coletivas e individuais. Atuou como curador da Exposição Coletiva O Que Sobrou – Florianópolis/SC (2024). Partindo de seu interesse por HQs e Mangás, criou um personagem, cujo enredo relaciona-se ao mundo da ficção científica e às questões ambientais, bem como às experiências de solidão e descobertas pessoais. Seu astronauta está solto num espaço colorido, onde a liberdade gravitacional permite que expresse suas emoções de maneiras inusitadas, num universo semelhante às fotos do telescópio James Webb e com inspiração nas cenas de Roy Lichtenstein.







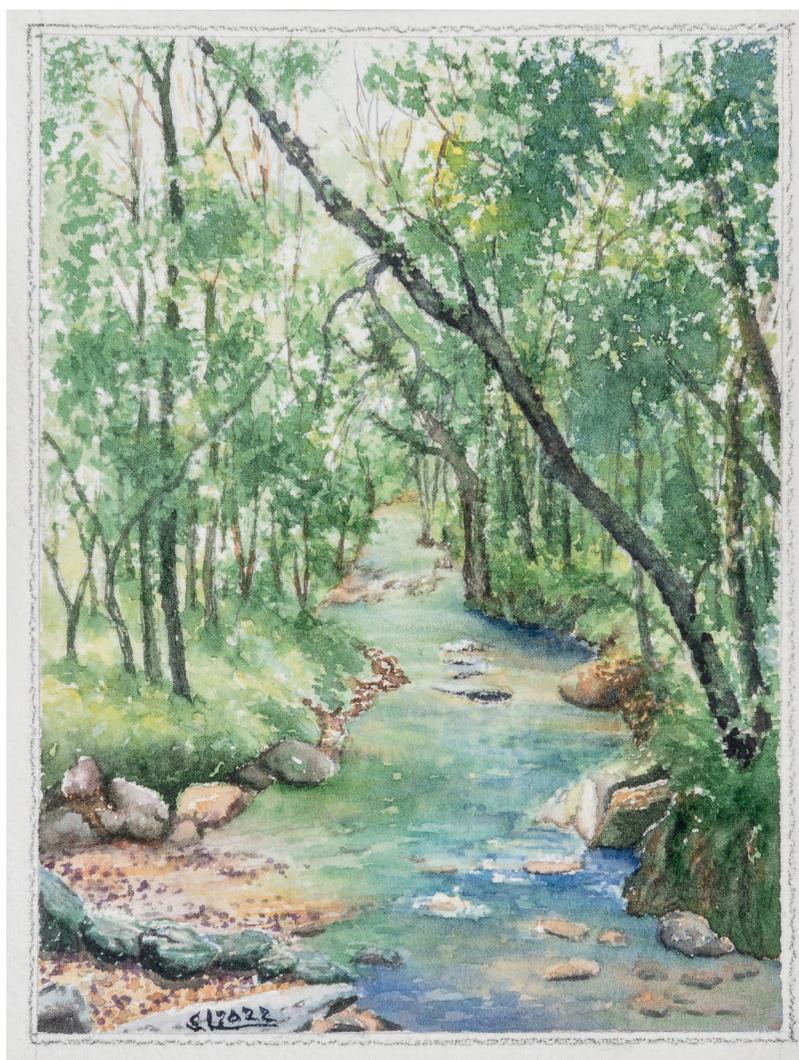


SUSANA LAUCK

Perceber a paisagem

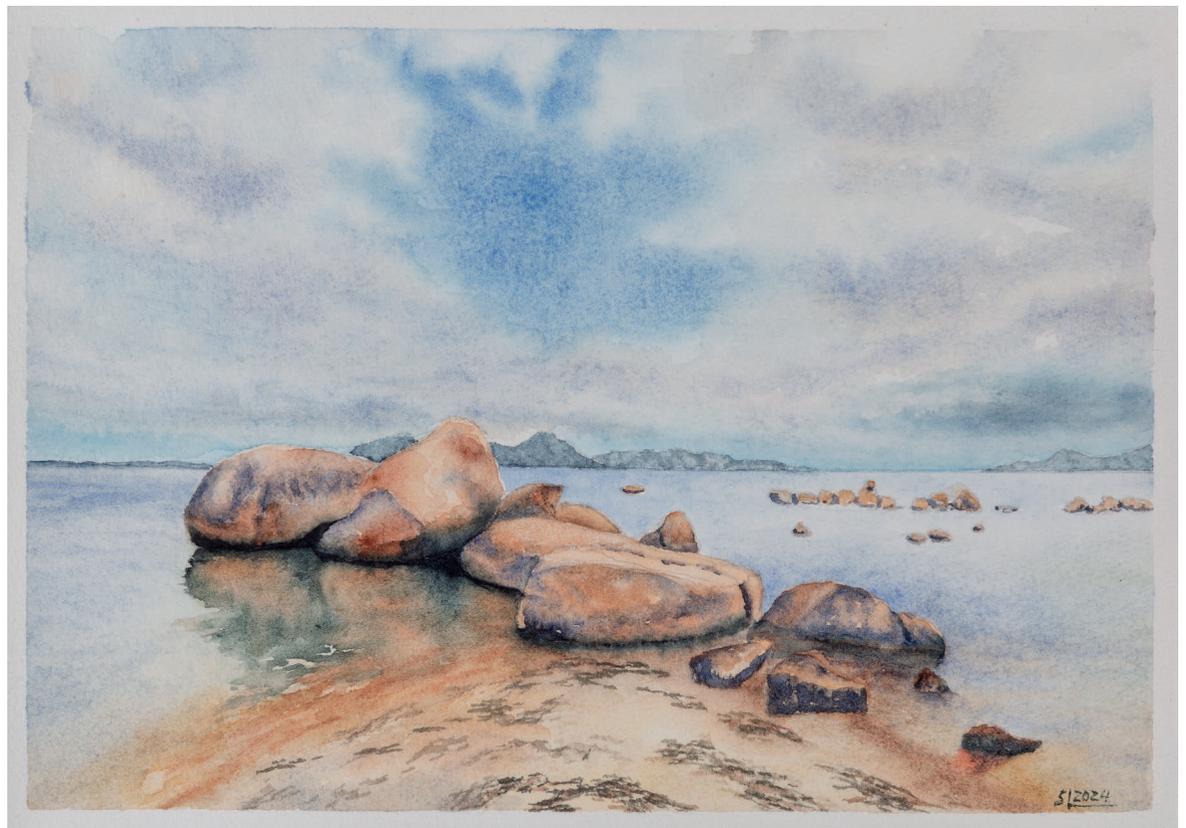
Conjunto de aquarelas envelopadas com PETG. Medidas variáveis entre 11,1 × 15,2 cm e 36 × 26 cm; anos 2021 a 2024.

Susana é professora aposentada do Departamento de Física na UFSC. Iniciou sua formação artística em 1998, sob orientação da artista Sônia de Brida, trabalhando com carvão, grafite e pastel seco. Encontrou na aquarela sua técnica favorita e faz parte do Ateliê Alvéolo desde 2014. Reservada, é observadora minuciosa com grande apreço pelas paisagens, sensível às urgências ambientais, lamenta a pouca atenção dedicada à urgência desse tema.









TIM DIEDERICHSEN

Acreditar na possibilidade do mundo

Instalação formada por aquarelas e fragmentos de aquarelas impressas, coladas sobre voal cinza, que se estende do teto ao chão. Medida de cada voal 3,0 x 0,50 m; anos 2023-2024.

Tim é professora aposentada de Artes Visuais em escolas privadas e escolas da rede pública. Possui formação em Artes Visuais - UDESC, mestrado e doutorado em Educação na UFSC. Além de aquarelista, também trabalha com cerâmica e papel machê. Face à barbárie de nosso tempo, sua poética relaciona-se à possibilidade de um mundo outro. É atenta à importância de se manter um senso crítico com consciência social que viabilize outras formas de se viver junto. Muitas de suas aquarelas são realizadas a partir de fotos, com ênfase para o tema da infância, sobretudo no contexto das guerras e situações de violência.







Tim
Faixa de Gaiá
2023



VERA LÍCIA

Imaginação Lúdica e Infância

Instalação composta por um conjunto de aquarelas sobre papel, as quais ilustravam originalmente cinco das histórias do livro *Histórias da Arca da Vera*, agora suspensas por fios dourados, saindo de um baú de madeira; anos entre 2017 a 2019.

Vera Lícia é bióloga, doutora em Ecologia pela UNICAMP. Professora aposentada do Departamento de Ecologia e Zoologia da UFSC. É aquarelista há três décadas. Frequentou o Ateliê de Zulma Borges de 1996 a 2006, retornando em 2016. A artista vem utilizando a escrita e a pintura em aquarela como formas de expressar suas vivências e emoções. Escreveu e ilustrou com aquarelas quatro livros de histórias infantis, já publicados. As crianças, os animais e a natureza são suas temáticas privilegiadas. Também gosta de narrar suas histórias em situação de oralidade. As situações vividas pelas personagens infantis são seu enredo principal, de onde extrai aprendizados e vivências.









VERA SAYÃO

Vestígios Mnemônicos

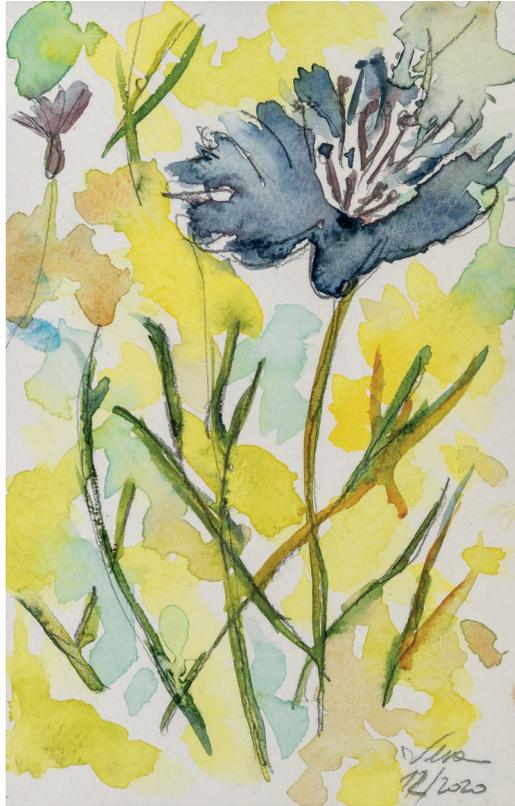
Referenciando os gabinete de curiosidade, a instalação reúne alguns objetos de memória familiares, como câmeras e fotografias antigas, rolos de filme e slides, juntamente com um conjunto de aquarelas de flores que remetem ao passado, como lavandas, lírios e magnólias. As aquarelas estão dispostas dentro de peças de vidro, apoiadas sobre prateleiras de um armário de metal, remetendo a objetos de um armário ou vitrine do tipo que serve para guardar remédios, perfumes, cristais ou objetos afetivos. Medidas variáveis entre 10 x 15 cm e 15 x 21 cm. Sobre o armário encontra-se a obra *Outros Jardins de Alice*, conjunto de ilustrações recortadas, coladas e emolduradas em quadro com moldura branca num mesmo *passee-partout*, medindo 18 x 80 cm e datado de 2018.

Vera é graduada em Jornalismo pela PUC-RJ e graduação e mestrado em História pela UFSC. Nesse curso, desenvolveu pesquisas sobre a profissão de fotógrafo e álbuns de retrato de família no século XIX no Rio de Janeiro. De 1982 a 2002, trabalhou como fotojornalista. Teve o primeiro contato com a aquarela em 2004, por meio das aulas de Zulma Borges, dois anos depois de se mudar para Florianópolis. Depois passou a frequentar o Ateliê Alvéolo. Sensível aos objetos passados por considerá-los vestígios de memórias, é apreciadora das fotografias antigas e de família, bem como dos gabinetes de curiosidades.









WALKIRIA MARKS

Manchas Figurais

Conjunto de aquarelas emolduradas com *passe-partout*. Medidas variáveis entre 10 x 14 cm e 22 x 29 cm; anos 2016 a 2024.

Walkiria é graduada em Psicologia pela Universidade de Brasília, com atuação profissional em Psicologia Clínica. Fez cursos de escrita criativa, dança e cinema. Começou a pintar aquarela em 2014 no Ateliê Alvéolo, destacando-se pela imaginação das formas e das composições, bem como pela liberdade no uso das cores.





Wakima/2016





ZULMA BORGES

Realidade e Imaginação

Conjunto de minilivros e livros, apresentados em blocos expositores sob cúpula de vidro, e, em sua maioria, as páginas em aquarela foram feitas em *plein air*. Cada exemplar abrange um tema, como, por exemplo: Faróis, Pontes, Castelos, Jardins, Paul Klee. Medidas variáveis entre 6,5 x 6,5 x 2 cm e 24 x 16 x 2,3 cm; anos 2016 a 2024.

Zulma é graduada em Língua Portuguesa (URGS), Artes Plásticas (UDESC), Filosofia (UFSC), com especialização em História das Artes. Aposentada como professora de Língua Portuguesa (RS) e como revisora de texto da UFSC. Frequentou o Ateliê Livre da Prefeitura de Porto Alegre, de 1978 a 1994. Ministrou oficinas de Aquarela no Departamento Artístico e Cultural (DAC) da UFSC, de 1995 a 2004, continuando a dar aulas de aquarela em ateliê próprio. Desde 2014, coordena e promove encontros de aquarelistas no Ateliê Alvéolo, espaço de arte criado pela artista. Dedicar-se à gravura e aquarela, tendo sua poética voltada para a memória como duração e paisagens como vivências, reais ou imaginárias.



Domingo no jardim Botânica - 17-3-2019



Florianópolis / SC / Brasil

Domingo no litoral - 24-06-2018



Florianópolis / SC - Brasil

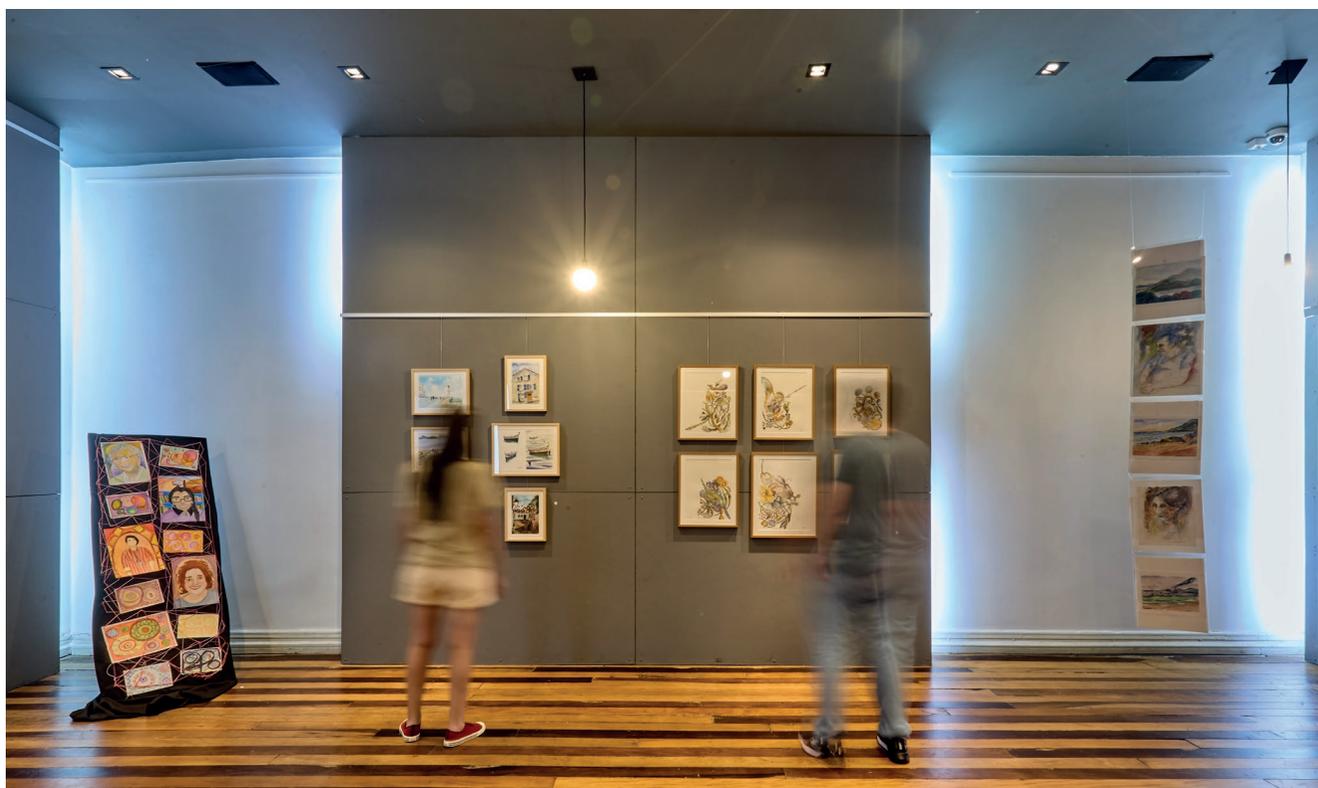




Espaço Mutações

Museu da Escola Catarinense

22/01 a 25/02/2025



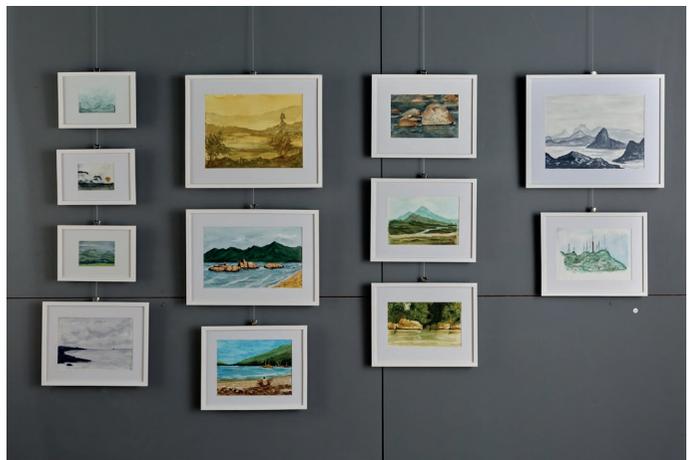


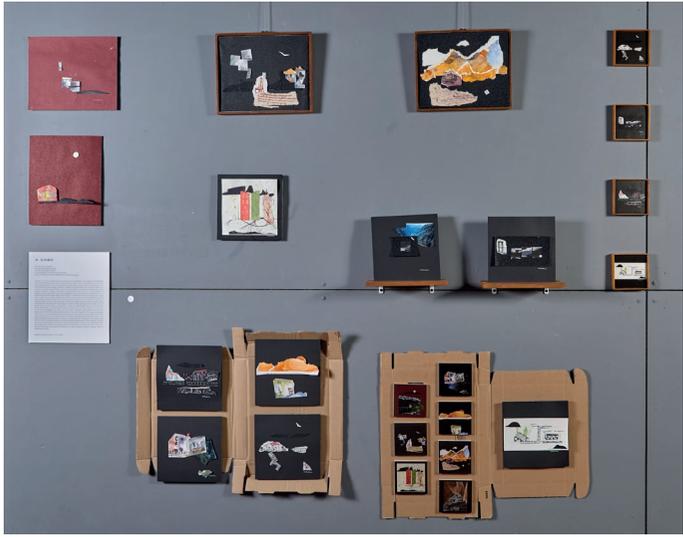














Walkiria Marks - detalhe de aquarela.

NOTAS SOBRE UM TIPO ESPECIAL DE JARDIM

Rosângela Cherem

1 - A casa onde funciona o Ateliê Alvéolo fica no bairro Pantanal, na Ilha - capital de Santa Catarina, situada bem pertinho da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Desde que foi construída em 1995, foi pensada para ter um jardim com muitas plantas, algumas dão frutos, como mamão, jabuticaba, chuchu, tomate, laranja, outras dão flores, como as rosas, que quase sempre florescem em pencas, ou as medinilas e as alpínias que, na maior parte do tempo, são exuberantemente coloridas, sem esquecer as ervas frescas para temperos e chás. Tudo está cuidado, mas sem exagero, há zelo e espontaneidade no modo como crescem. Os passarinhos vêm comer as sementes, e um gato, o outro morreu bem velhinho, circula despreocupado, enquanto uma gata bem velhinha dorme inabalável entre os súditos humanos de seu reino felino. Embora tenha uma fachada simpática, todo o espaço de sociabilidade da casa parece voltar-se para os fundos da propriedade, dividindo-se entre a cozinha, uma outra varanda e uma edícula.

Esse espaço acabou tornando-se um lugar privilegiado, de nome Alvéolo, onde convivem os aquarelistas, não como uma escola em que acontecem cursos e aulas, mas como uma sala de estar onde pessoas se conhecem e praticam algo prazeroso juntas. Embora haja novos membros, a maioria permanece desde sua fundação em 2014, por isso também acabaram tornando-se amigos, partilhando vivências pessoais, dividindo experiências de viagens, receitas e comidas, cultivo de plantas, afetos familiares, sobretudo por filhos e netos, assuntos sobre saúde, alegrias e preocupações, além de tudo o mais que esse tipo de encontro permite nas horas semanais em que estão ao redor de uma mesa, praticando a técnica pictórica de sua predileção. Assim, trocam principalmente saberes e entendimentos sobre o fazer da aquarela e, periodicamente, apresentam o resultado dessa atividade em diferentes espaços expositivos, às vezes em conjunto, outras vezes individualmente. Como não há docente ou diretor, reconhecem-se como iguais, ainda que com diferentes faixas etárias, procedências e formação profissional, condições de saúde e experiências de vida, e uma característica logo se destaca no grupo: o predomínio de respeito às diferenças e ao ritmo de cada participante. O ambiente é muito agradável, a atmosfera simples e sempre amistosa dá o tom. Não há competição e nem excesso de informalidade ou de confissões, apenas cordialidade com uma abertura confiável e equilibrada.

Uma outra característica é que a grande maioria dos alveolanos não almeja ingressar num circuito artístico, tampouco pretende obter lucro ou fama. Apenas amam as coisas que podem aprender e transmitir desinteressadamente, junto com o desenvolvimento de suas habilidades e a superação de seus próprios desafios. De certo modo, é o que praticam juntos que os educa. A moderação no uso dos pigmentos diluídos em água, a sensibilidade conduzida com atenção e foco, o desapego para desfazer e transformar o que não ficou bom, a humildade e a persistência para seguir procurando a melhor solução até que as manchas adquiram o sentido figural desejado, tudo isso acaba forjando uma ética que se completa na partilha e na generosidade, no incentivo recíproco, na discrição e na aceitação do outro.

2 - Falemos agora de um outro grupo, o qual viveu em época e lugar bastante longínquos, mas que guarda diversas afinidades com o grupo de que tratamos aqui, a começar pelo jardim onde praticavam uma filosofia da existência em tempos incertos e cheio de extravios. Quando lembramos a Grécia clássica, pensamos logo a vida na pólis, sem nos darmos conta de que os valores engendrados na ágora, como o uso da palavra e da reflexão, duraram pouco, considerando as lides e agruras enfrentadas pelos orgulhosos descendentes dos helenos. Contribuiu para essa transformação a guerra do Peloponeso, ocorrida no século V a.C, quando as duas maiores cidades-estado enfrentaram-se, trocando uma identidade de base cosmogônica e mitológica comum por alianças militares que colocaram, de um lado, a Liga de Delos, liderada por Atenas, e de outro, a Liga do Peloponeso, comandada pelos espartanos. Depois de quase três décadas de luta, pouco sobrou dessas cidades, quer em termos de autonomia, quer em termos de unidade em torno de uma das ligas. Assim, seu fim caminhou junto com o declínio definitivo das pólis independentes; o valor da cidadania sucumbiu, somado aos descaminhos políticos e culturais que muito facilitaram a entrada dos conquistadores romanos.

Por sua vez, com a morte de Alexandre Magno (356 a.C. - 323 a.C), depois de uma série de campanhas militares sem precedentes, através da Ásia e nordeste da África, o criador de um dos maiores impérios da Antiguidade deixou como herança um mundo grego bastante modificado. Os ventos helenísticos estavam em curso, estendendo-se da Grécia para o Egito e ao noroeste da Índia, espalhando-se pelos novos reinos, nascidos na mesma medida em que eram travadas disputas pelos sucessores de Alexandre, enquanto ocorria uma orientalização de suas crenças em direção ao ocidente conhecido. Nem mesmo os deuses permaneceram em seus panteões. De sua parte, até o final da República (27 a.C.), Roma ampliou enormemente seus territórios, alargando seu domínio do oceano Atlântico à Arábia e da boca do Reno ao norte da África. Após a conquista de Cartago em 146 a.C e da derrota dos impérios Macedônio e Selêucida, os romanos tornaram-se o povo dominante do mar Mediterrâneo. A conquista dos reinos helenísticos acabou por aproximar as culturas romana e grega, e a elite romana, antes rural, tornou-se luxuosa e cosmopolita.

3 - Resposta a um tempo de muitas conturbações, cujas divindades e convicções políticas pareciam não mais cumprir sua função mobilizadora, a Academia de Platão e o Liceu de Aristóteles ainda funcionavam, embora as crenças relacionadas ao bem comum e à sabedoria para garantir a vida dos cidadãos na pólis já não se mostravam com poder de aglutinação. Face às atribulações de um tempo e à desagregação social e política, os valores referenciados na pólis cediam lugar a uma lógica expansiva, compatível com uma expansão imperialista. Enquanto a noção de bem comum deslizava para a ideia de felicidade no plano individual, diversas outras filosofias agremiavam seguidores. Novos interessados pelas práticas filosóficas ganhavam visibilidade: estrangeiros, doentes, velhos, mulheres. Os valores relacionados ao idealismo e à transcendência concediam seu lugar ao materialismo (física e lógica), bem como à imanência (tudo é finito). Mais do que um educador do povo helênico, o filósofo tornava-se um médico da alma, abrindo caminho para pensar o lugar do indivíduo e suas paixões.

O mundo greco-romano tornava-se, cada vez mais, um lugar de descrenças e medos. No mesmo século da guerra do Peloponeso, vimos emergir os cínicos, depreciando tanto os valores e costumes gregos, como seus conhecimentos filosóficos e políticos. Foram as ideias de alguns de seus pensadores, como Antístenes (445-365 a.C.) e Zenão de Cítio (280-208 a.C.), que forneceram as bases para o pensamento dos estoicos, cuja doutrina encontrou bastante aceitação no mundo romano do período imperial, tornando-se relevante nas reflexões do imperador Marco Aurélio (121-180 a.C.), do escravo preceptor Sêneca (4 a.C.- 65 d.C.) e do filósofo escravo Epíteto (55-135 d.C.). Certamente, aquela realidade de acirradas lutas e ambições permitiu que esses homens defendessem que o sábio, ao invés de querer mudar a ordem do

mundo, deveria resolver suas próprias perturbações e mudar seus próprios desejos. Assim, só seria objeto de preocupação aquilo que pudesse ser modificado pelos seus pensamentos, ações e sentimentos, e o que estivesse fora de seu alcance, tal como a morte, a velhice, as doenças, as catástrofes e a opinião dos outros não deveriam ser alvo de preocupações.

Entre os cínicos e os estoicos, surgiu o ceticismo, caracterizado como uma corrente de pensamento exposta por Pirro de Elis (Élida, 360-270 a.C.), o qual seguiu nas campanhas com Alexandre e acabou entrando em contato com correntes do pensamento oriental, sobretudo indiano. Sua postura antidogmática defendia que o filósofo deveria abster-se de proferir verdades, sob risco de perder sua serenidade, devido às confusões e enganos do mundo. Já o neopitagorismo (séc. I a.C.) retomou os ensinamentos de Pitágoras de Samos (570 - c. 495 a.C.), filósofo e matemático grego que nasceu na ilha de Samos, um próspero centro cultural e comercial, viajou pelo Egito e Grécia, mudando-se depois para a Magna Grécia, onde fundou uma escola. Compreendia os números como um princípio e sinônimo de harmonia, assimilada nos seus preceitos exotéricos e práticas ascéticas. Seus seguidores continuaram esses ensinamentos e aprofundaram as relações entre física e matemática. Entre eles, estavam Públio Nigídio Fígulo (98-45 a.C.) e Apolônio de Tiana (2-98 d.C.).

Por sua vez, o platonismo foi uma filosofia mantida e desenvolvida pelos seguidores de Platão, tendo como princípio o fato de que o bem é a forma mais elevada, e a razão é a fonte do ser. Com a adoção do misticismo oriental no século III d.C., o platonismo evoluiu para o neoplatonismo e teve grande influência sobre a filosofia cristã. Entre seus filósofos, destacam-se Xenócrates (396-314 a.C.) e Plutarco (46 a 120 d.C.). De sua parte, o ecletismo foi uma filosofia que, ao invés de ter suas próprias doutrinas e preceitos, selecionava, dentre as filosofias existentes, os fragmentos que considerava mais aplicáveis para cada situação e caso. Tal entendimento estendeu-se pelas artes, ciências, religiões e política, havendo quem reconheça aí o pensamento de Cícero (106-43 a.C.) e também de Sêneca, o jovem (4 a.C.- 65 d.C.).

É no contexto das incertezas políticas e extravios culturais que Epicuro, aos 35 anos, vivendo tempos posteriores ao declínio das cidades-estado independentes e à morte de Alexandre Magno, depois de perambular por várias regiões da Grécia, adquiriu uma casa nos arredores de Atenas, construindo ali uma escola que ficou conhecida pelo nome de Jardim. Assim, a excelência, *areté*, como um tipo de virtude cultivada na pólis, e a *eudaimonia*, como um modo de estar no mundo de acordo com seu *daimon* (força humano-divina que acompanha os mortais desde seu nascimento e os faz viver de acordo com seu destino), já não faziam sentido em relação aos preceitos da vida pública. Atravessada pelas novas filosofias menos metafísicas e distantes da vida, eram as novas concepções mais concretas e próximas do vivido que se iam estabelecendo como modos de existir.

Antes de levar este texto adiante, seria conveniente estabelecer vínculos com as incertezas políticas contemporâneas e a proliferação de doutrinas para aplacar os sofrimentos que isso causa. Indígenas assassinados dentro de suas reservas porque ali também existem fontes de mineração e exploração de madeiras, palestinos mortos e expulsos de suas terras sob o jugo de um Estado que recusa um mínimo de empatia, considerando que seu próprio povo conheceu tão profundamente a diáspora, em proveito de uma ambição desmesurada pelo poder político e a ocupação de terras para empreendimentos altamente lucrativos. Do ponto de vista das catástrofes ambientais, estamos na iminência de um *turning point* de proporções planetárias. Se não conseguirmos perceber isso com o discernimento necessário, tanto pior, pois nossos alunos, filhos e netos saberão. Por ora, nosso mundo parece pronto para recuar mais de um século, dividindo-se entre grandes potências, excluindo parceiros, ignorando alianças. O presidente estadunidense avisa que acha interessante tomar o Canadá como seu 51.º estado, enquanto mira a retomada do Canal do Panamá, e avisa que vai precisar ficar com a Groenlândia. Sem esquecer

seu apoio incondicional ao Estado de Israel, em suas investidas nas fronteiras do Líbano, também negocia uma parte ucraniana para a Rússia, enquanto esse país ainda se faz de rogado, pensando o que mais vai exigir. Protagonistas de ondas ultranacionalistas e pautas conservadoras, leia-se racistas e homofóbicas, os países europeus ficam fora dessas tratativas pós-neoimperialistas, embora bastante implicados nos riscos de mais perdas territoriais em razão das ambições expansionistas russas. A silenciosa e estratégica China nos faz perguntar, e Taiwan, como fica? E por falar em fronteiras europeias, sabemos que diversos países lançaram suas recomendações sobre o *kit* de sobrevivência para sua população, na tentativa de mitigar as consequências, em caso de outra guerra, como as que conheceram no século passado, ou mesmo algum tipo de desastre ambiental mais grave.

4 - Como ser feliz num tempo adverso? Esta foi a pergunta formulada por Epicuro e cujas respostas resultaram em mais de trezentos livros e cartas escritos por ele, a maior parte, perdidos. Porém, o Jardim tornou-se bastante conhecido e procurado por homens e mulheres, velhos e jovens, escravos, estrangeiros e cidadãos interessados nas respostas possíveis para essa pergunta. Diferentemente dos estoicos, não buscaram lugar num dos portais da ágora, pois consideravam a cidade um lugar de opiniões equivocadas, baseadas em superstições acerca dos deuses e da morte, dando lugar a desejos não naturais e não necessários, que condicionavam os humanos a perturbações, insatisfações e temores. Viver longe das multidões, construir uma existência despercebida, tornou-se uma das máximas do comportamento, ou seja, do *ethos* epicurista.

Nesse sentido, a hierarquia existente no Jardim dizia respeito apenas ao tempo de experiência na doutrina, sendo os mais desenvolvidos, geralmente idosos, considerados sábios e responsáveis por transmitir o epicurismo aos mais inexperientes ou jovens, através de leituras e meditações coletivas nas quais ensinavam e disseminavam a compreensão da doutrina. Tratava-se de uma ocasião de transmissão e de colaboração entre amigos, cujos aprendizados deveriam traduzir-se em assertivas básicas que precisariam ser constantemente meditadas e memorizadas, junto com práticas corporais igualmente destinadas à busca da imperturbabilidade da alma (*ataraxia*) e da serenidade ou ausência de dores no corpo (*aponia*).

Para Epicuro, o prazer (*hedone*) seria alcançado pelo equilíbrio entre os estados de *ataraxia* e *aponia*, residindo na satisfação dos desejos naturais e necessários, únicos e suficientes para eliminar a dor da falta, pois a insaciedade produziria pobreza do corpo e da alma, em contraposição a um tipo de riqueza que jamais poderia ser retirada. Uma vida verdadeiramente rica e feliz consistiria na fortuna da simplicidade, na moderação e parcimônia, buscando-se apenas o necessário para a sobrevivência. Por meio das atividades de ensino, os elementos básicos da doutrina eram apreendidos, sendo o cultivo e a transmissão desse aprendizado praticado como exercícios entre iguais, de modo que suas crenças fossem substituídas pelo estudo da natureza, mais propriamente, pela *pragmateia*, fundamentada nas práticas de virtude e sabedoria. O prazer de uma vida bem vivida seria, então, um alívio para as dores da alma e as angústias com os sofrimentos do mundo.

Em outras palavras, a relação de amizade era a base de uma vida comunitária, embora cada epicurista devesse estar atento e pronto para oferecer ajuda ao seu igual, caso fosse necessário. Assim, cada um praticava o princípio da *autarquia*, de modo que, quando agia, considerava a si próprio como o princípio da ação, capaz de discernir sobre aquilo que caberia a ele mesmo realizar. Outro pressuposto interessante diz respeito a uma comunidade autossustentável, que acolhia um modo de vida mais simples, em troca de sua quase total independência material do resto da cidade. Ou seja, a sabedoria necessária a uma vida feliz demandava um não envolvimento com os negócios ou com a política ateniense, não havendo necessidade de exibir *status*, posses, conquistas materiais ou políticas. Eis a ideia de jardim como um lugar de cultivo,

um oásis em meio ao deserto, um monastério ou uma comunidade *hippie*, simplesmente buscando a tranquilidade lavrada todos os dias.

Vale lembrar que, quando fundou o seu Jardim em Atenas, Epicuro já convivia com um grupo inseparável de amigos, incluindo suas irmãs e esposas, algo incomum para a vida grega de então, indicando a importância da vida comunitária e a impossibilidade de se alcançar sozinho o prazer. Com a abertura de sua escola e, considerando a *hedone* não mais como o bem comum praticado entre os cidadãos, mas como sinônimo de felicidade vivida em comedido recolhimento, passava a maior parte do tempo junto com seus amigos e discípulos, compartilhando afinidades intelectuais e sensíveis através de um convívio amistoso.

Menos como um conjunto de receitas de autoajuda ou recomendações de algum *CEO* ou *Coach*, tratava-se de uma filosofia efetivamente praticada no cotidiano. Entre tantas doutrinas nascidas no mundo helenístico, o epicurismo pautava-se numa vida comunitária livre e horizontal, a qual, longe de ser apenas uma elaboração intelectual, destinava-se aos cuidados do corpo e consolos da alma. Entendendo que a alma tem corpo, esta era alimentada diariamente, tanto pelas atividades memorativas, como pelas práticas corporais. Desse modo, o cotidiano dos discípulos não era um elemento anódino, banal ou alheio à filosofia; ao contrário, seus hábitos deveriam espelhar a ética proposta pela doutrina, assegurando que a ausência de perturbações na mente e de dores no corpo fossem um contraponto à ausência de virtude e aos excessos, sendo ambos empecilhos para garantir o prazer e a vida feliz.

5 - Pensemos algumas práticas de aquarela realizadas no Ateliê Alvéolo, tanto como um modo de perceber as afinidades no exercício dessa técnica pictórica, como também um saudável movimento em direção ao florescimento das diferenças individuais no interior do grupo.

Concentrado e silencioso, o professor de engenharia, José Antonio Bellini constrói paisagens ensolaradas, buscando detalhes reveladores de um lugar e dia específico. Porém, é ele mesmo quem adverte: não pretende buscar a precisão do mundo tal qual é, mas como lhe parece naquilo que seu olhar consegue abarcar. Igualmente silenciosa e atenta, Susana Lauck apresenta um aprimorado senso de observação e disciplina. Exímia paisagista, é capaz de registrar com precisão os reflexos sombrios sobre as águas, um cravejado de luz infiltrado num bosque ou os vapores atmosféricos resultantes de uma cachoeira abundante. Sua sensibilidade para com essa temática acompanha seu apreço para com as causas ambientais e climáticas. O mesmo acontece com Juliana Bernardi, cuja formação em Agronomia a levou a considerar a aquarela como um meio de preservar sua paixão pelas questões da natureza, para as quais continua olhando como quem sabe sua importância e urgência, em termos de continuidade da vida na Terra.

De sua parte, Isa Simões tanto demonstra seu apreço pela vida pacata usando cores vibrantes, como reconhece que os lugares que visitou também contemplam surpresas maiores do que uma mera narrativa pessoal. É dessa combinação que nascem suas paisagens com elevada intensidade poética, seja na fachada da igreja de uma pequena cidade de pescadores, seja no casarão de uma bucólica cidade colonial. Já a médica Eleonor Conill reaproveita as páginas com provas de tintas descartadas pelos parceiros aquarelistas para reelaborar nelas as paisagens de sua imaginação, principalmente jardins, combinando suas vivências de viagens com lembranças do que vê quando mergulha. Memórias aquareladas para além de si próprias, este parece ser o elo entre ambas.

Por sua vez, as paisagens e os retratos de Nadir Ferrari parecem conter uma importante lição, trazida de sua formação no campo da genética. Nas suas aquarelas, emergem lugares e pessoas reconhecidos como figurações que combinam transitoriedades e permanências, mas também incide uma percepção que se

deixa guiar pela linguagem do sensível. O que é transmitido geneticamente em cada ser vivo persiste em cada trabalho, e isso acontece por meio da técnica da aquarela. Porém, o imponderável e o contingente também agem como singularidades, produzindo eventos acidentais com capacidade de modificação, quer no âmbito do trabalho da natureza, quer no âmbito do trabalho artístico. Algo semelhante pode ser observado nos lugares e rostos lavrados por José Carlos da Rocha. Interessado tanto pelas resoluções técnicas, como pelas possibilidades temáticas, busca uma ênfase realista para suas aquarelas, como se, ao descrever algo com toda sua sinceridade, pudesse reter os detalhes que o afetaram e que não gostaria de deixar escapar pelas tessituras do esquecimento tramadas pelo passar do tempo.

Qual a dimensão que as delicadezas podem alcançar nas aquarelas? As flores de Carla Corina apresentam tamanhos bem pequenos, o mesmo acontece com os galhos arranjados em singelos vasinhos com água, é preciso silêncio para observar com poesia suas existências vegetais, aparentemente tão banais e efêmeras. De sua parte, conciliando bordado e aquarela, Glória Gil refaz, por meio de minúsculos livros enleados por fitas de cetim, seu amor pela literatura, particularmente o reino liliputiano inventado por Jonathan Swift, bem como pelos escritores e pintores do período do simbolismo inglês, tão afeitos às joalherias e incrustações em madeiras. Não que essa aquarelista os tematize, mas pelo que a fazem lembrar quanto à obstinação ao caprichado e minuciosamente trabalhado. Já o olhar racional do engenheiro, somado à sua desenvoltura como aquarelista cultivada ao longo de muitos anos, confere a Osmar Yang a principal característica que une suas duas formações, ou seja, seu interesse em alcançar com precisão e empatia as propriedades que caracterizam os viventes que nos cercam. Assim, seus felinos são portadores de singularidades, como coragem, ternura, orgulho, senso de proteção, gosto pelas brincadeiras. Conseguir obter esses padrões pelo modo como nos olham, como se posicionam ou se ocupam. Captura-os em momentos únicos e irrepetíveis, em que essas singularidades parecem nos chegar como pela cintilação de um raio. Enquanto isso, Ligia Czesnat traz de longe uma lembrança do pai, cujo amor aos pássaros o fazia alimentá-los diariamente em sua propriedade, sem jamais desejar prendê-los. É um recorte dessa memória afetiva, materializada pela escolha de cores bastante diluídas que se deixam surgir entre a luminosidade proporcionada pelo branco do papel, que a aquarelista admite trazer.

Somos o que amamos, mas apenas num mundo criado, podemos imaginar que o objeto desse amor permanece. Assim é o que nos lembra Vera Sayão, aquarelista com formação em História e Jornalismo, que acabou descobrindo uma ligação amorosa com as fotografias do começo do século XX e os álbuns de família. Sensível aos objetos passados por considerá-los vestígios mnemônicos individuais e coletivos, dispôs alguns deles junto com fotografias dentro de um pequeno gabinete de curiosidades, incluindo também suas aquarelas de flores que remetem ao passado, como lavandas, lírios e magnólias. O resultado é uma reunião de coisas que a aquarelista valoriza e que reverberam em sua vida, espécie de criação de um microcosmos feito de memórias e afetos. A seu modo, Zulma Borges parece concordar, pois suas aquarelas também acolhem referências de seu entorno e da história da arte, bem como de suas viagens e vivências cotidianas. Tudo que a toca afetiva e esteticamente pode tornar-se objeto de suas pinceladas e ir parar no microcosmos de seus cadernos e livros que muito se assemelham a pequenas relíquias. Ainda considerando as muitas possibilidades de manifestar a relação amorosa com a vida por meio da arte, merece destaque o bom humor e a alegria de viver de Cecília Caldini. Tais características podem ser reconhecidas por meio de uma série de rótulos de vinho, cujas imagens ganham acréscimos aquarelados como um modo de continuar as cenas e os detalhes da marca saboreada em momento de descontração. É quando um jogo imaginativo lança-se sobre a garrafa, acrescentando, às poucas imagens visuais que identificam a vinícula e a uva, um outro enredo que parece prolongar a experiência gustativa ocorrida em situação aprazível.

Memória e afeto também comparecem nos registros pessoais de Michelli Zimmermann Souza. Assim, as orquídeas que ganhou de presente em datas especiais são metamorfoseadas por meio de cores e manchas trabalhadas num processo que concilia espontaneidade e precisão. Foi assim que produziu, sem esboço

prévio e com agilidade, essa série de documentos mnemônicos destinados a reter as situações emotivas que um dia foram vivenciadas. O mesmo ocorre com Helena Werner, cujas aquarelas apresentam-se num estado de honestidade e inocência, que nada mais parece desejar incluir a não ser elas mesmas como fragmentos de lembranças e emoções vividas. Uma paisagem ou vegetação admirada enquanto visitava a casa dos pais, uma planta primitiva que foi escolhida para o casamento da filha, o coração de uma bananeira que guardou uma intensidade arroxeadada, ou um galho de gerâneo que projetou uma sombra peculiar, tudo isto são dispositivos que conectam as coisas que afetam e fazem lembrar. Lembrar também parece ser o que transbordou em Fernando Sant'Anna, engenheiro discreto e silencioso, habilidoso no desenho técnico, por meio de uma série de flores exuberantes e dramáticas, pintadas em tons carmin, remetendo a uma lembrança distante da mãe que era também pintora de paisagens e temas florais, mas acrescentando o prazer que desfruta ao contemplar o jardim que cultiva.

Esse lugar mnemônico que se apresenta como um entre, o qual frequentemente os artistas processam em seus trabalhos, também pode ser reconhecido em Audrey Laus. Sua cartela cromática muito lembra as porcelanas delicadas, cujos tons azuis, laranjas, rosas e amarelos atravessaram a cristaleira de sua avó paterna, até chegar nas formas híbridas e exóticas que compõem seus inusitados buquês. Os filetes dourados em forma de arabescos, desenhados sobre aquelas louças, parecem ter-se metamorfoseado nos inusitados arranjos que lembram flores compósitas com antenas e tentáculos. De sua parte, Ricardo do Rosário guarda um apreço pelo desenho desde sua infância, deslizando posteriormente também pelo que via em HQs e mangás. Assim, surgiram seus personagens astronautas, relacionados tanto ao tema da ficção científica, como às preocupações ambientais. Seu caráter curioso pode ser creditado ao fato de que não sabemos se sobem ou descem, se caem ou simplesmente flutuam perdidos e solitários num mundo sem gravidade. Esse lugar do entre acontece em Vera Lícia e chega por meio dos livros infantis que escreveu e ilustrou, abordando enredos cotidianos vivenciados pelas crianças, como a morte de um animalzinho, o encantamento com algumas surpresas do mundo natural ou pequenas agruras vividas no mundo familiar e doméstico. Suas aquarelas, reproduzidas nessas publicações, não apenas trabalham as narrativas voltadas para o público infantil, mas parecem querer, elas mesmas, parecerem-se com desenhos feitos por crianças.

Tratemos, por fim, de considerar a relação entre as esferas do íntimo ou da vida doméstica com uma dimensão mais mundana e abrangente. Começemos por Walkiria Marks, cuja formação e atuação como psicóloga parece autorizar que suas aquarelas se destaquem pela imaginação das formas e das manchas compositivas, bem como pela liberdade no uso das cores e transparências. Caminho diverso percorre Ana Maria, cujas aquarelas são uma homenagem explícita aos professores que lhe serviram como referência na formação como psicanalista. Junto com algumas abstrações que remetem ao conceito de nó borromeo, conforme concebido por Lacan, seus retratos são bastante peculiares, não se assemelhando nem com caricaturas e nem com rostos realistas. E podemos considerar maior coerência concedida à noção de sujeito do que a certeza de sua inapreensão? Na outra ponta desse arco, temos a força avassaladora da consciência política e da empatia. Maria Esmênia é uma aquarelista bastante experimental que não se exime de buscar diferentes meios para explorar questões diversas, sejam elas de caráter mais pessoal ou social. No caso da série dos moradores em situação de rua, realizou uma longa pesquisa, pensando diferentes meios para apresentar aquilo que conseguiu compreender sobre os sonhos de moradia e alimentação desses indivíduos, quase sempre invisíveis para a maioria das pessoas. O resultado é um trabalho que demonstra grande sensibilidade e interesse por esse drama social. Por sua vez, Tim Diederichsen, atenta ao mundo de guerra e às injustiças sociais, procura olhar com empatia os que sofrem mais profundamente e são vítimas diretas dessa realidade. Assim, suas aquarelas destinam-se a mostrar crianças e jovens em áreas de guerra, miséria e outros tipos de violência, tal como chegam aos leitores pelas imagens dos noticiários. Mas seu propósito vai para além das denúncias, ao procurar, em meio àquelas realidades, uma pequena fagulha de afeto e imaginação, um tênue fio de esperança e uma centelha de humanidade que tenham ali permanecido.

6 - Ao adentrar o Ateliê Alvéolo, depois de passarmos pelo portão, reconhecemos, intramuros, um lugar cultivado, o qual não pertence nem ao que se passa no espaço da rua e nem à intimidade da casa. Impossível não estabelecer uma associação entre os epicuristas, cujos valores, além de uma prática pessoal, eram cultivados em grupo, fazendo da amizade e da sensibilidade criativa uma espécie de resposta a um mundo de guerras e incertezas políticas, religiosas e culturais, onde homens e mulheres, não obstante suas origens e idades, conviviam numa escola que, sugestivamente, possuía o nome de Jardim.

Enquanto a equipe curatorial concebia e montava a exposição de comemoração aos dez anos do Ateliê Alvéolo, o presidente estadunidense assumiu o governo e junto trouxe uma política anti-imigracionista marcada pela intolerância e excessos anti-humanitários, indo na direção contrária da própria história e seu país. Também estabeleceu uma política econômica baseada em práticas unilaterais extremamente competitivas. Ao fechar este catálogo, o mundo assiste pela televisão o bombardeio do Estado de Israel contra os iranianos. Novamente ou, ainda, os tempos são de estorpecimento e insegurança. Se, por um lado, torcemos para que esse conflito encontre uma solução, por outro, tememos pelo desfecho que pode ocorrer se as três maiores potências mundiais se envolverem explicitamente, compondo novas alianças de poder. A Europa, continente contíguo, tanto ao Leste Europeu como ao Oriente Médio, sabe no que isso pode resultar, quer em termos econômicos, quer em termos ambientais. É sob este prisma que o esboroamento do mundo helenístico parece ter algo a nos dizer. Tanto na Antiguidade Helenística, como no tempo em que nos coube viver, sabemos que precisamos nos inventar para além da fantasia de unidade fusional, capaz de arregimentar todos os membros de uma sociedade, fazendo com que lobos e cordeiros finalmente pastem juntos.

Cada vez menos, aqueles que ainda conseguem pensar criticamente possuem alguma identificação com aqueles que falam, seja em nome da paz mundial ou nacional, seja em nome da unidade democrática ou do povo de Deus. Num tempo em que nenhuma crença parecia confiável e segura, foi preciso um grande esforço e coragem para seguir adiante em busca de um mundo outro. Concordando com o fato de que o comum não possui qualquer identidade ou essência prévia, os epicuristas sabiam que a condição para uma abertura nada tinha a ver com a acumulação material. Tratava-se lá naquele mundo longínquo, como ainda se trata hoje, de buscar uma outra maneira para além do que se é, encontrar outros modos de vida compartilhada. É aqui que a amizade e a arte emergem como possibilidade ética, na qual somos interpelados pela diferença e pelo singular, formando uma comunidade a que alguns chamam de imaginada, inoperante ou, simplesmente, comunidade dos sem comunidade. Sabiam antes, sabemos agora: é preciso reinventar uma abertura cuja subjetividade é ainda inantecipável. Até lá, cultivemo-nos, compartilhando com quem parece intuir e praticar este devir.

Inverno de 2025

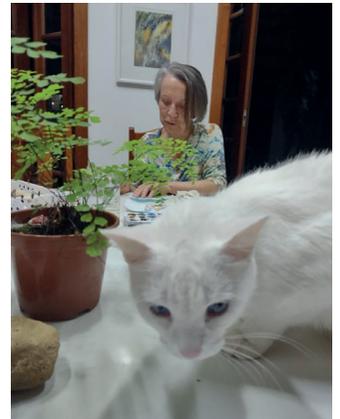
Rosângela Cherem é doutora em História pela USP (1998) e Doutora em Literatura pela UFSC (2006). Professora aposentada como Titular de História e Teoria da Arte no Curso de Artes Visuais e Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais no CEART- UDESC; possui orientações, pesquisas e publicações sobre História das Sensibilidades e Percepções Modernas e Contemporâneas. Atualmente desenvolve pesquisa sobre GESTOS E ARQUIVOS ARTÍSTICOS EM SANTA CATARINA.



Nadir Ferrari - detalhe de aquarela.

DEZ ANOS DO ALVÉOLO









ABERTURA DA EXPOSIÇÃO







Juliana Bernardi - detalhe de aquarela.

